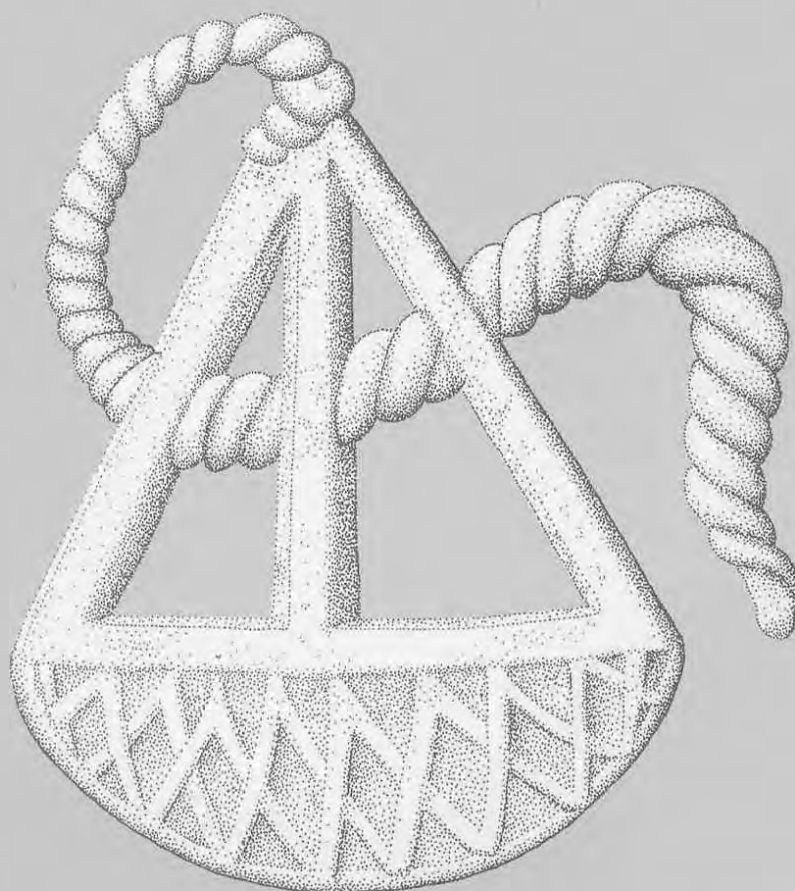


# X E L B

3



Silves nos Descobrimentos

---

## ASPECTOS DO QUOTIDIANO NUMA CASA DE SILVES, DURANTE O SÉCULO XV

Mário Varela Gomes\*, Rosa Varela Gomes\*\*  
e João Luís Cardoso\*\*\*

### 1. Arqueologia e quotidiano histórico

Desde os seus tempos pioneiros que o principal objectivo da Arqueologia tem sido a reconstituição dos quotidianos pretéritos. Não esqueçamos que a complexa trama de interacções constituintes do passado humano, mesmo o mais próximo, não se pode esgotar na informação haurida nos textos. Bem pelo contrário, apenas alguns dos raros factos, ocasionalmente considerados mais significativos, foram registados por escrito. Também o número destes reduz-se progressivamente com o recuar no tempo, até quase desaparecerem, como acontece para os períodos mais remotos dos Tempos Históricos, sendo tais fontes inexistentes, conforme à sua própria definição, no longínquo percurso pré-histórico.

O testemunho arqueológico é, por outro lado, consequência directa da vivência humana, desde as mais singelas acções ligadas à subsistência de cada indivíduo, às mais complexas manifestações do foro ideológico, tanto singulares como colectivas. Ele é, na grande maioria das vezes, despojado do carácter reflectido e interpretativo dos textos, sempre feridos pela perspectiva de quem os elaborou ou de quem ordenou a sua execução, dado não podermos esquecer tratar-se de documentos que têm como finalidade única a comunicação, aquilo que se quer deixar registado e transmitir a outros. Tal situação conduz a que a Arqueologia por um lado ocupe importante papel na contextualização dos textos, e dado o esgotamento, em termos de fontes, da informação por eles proporcionada, como a sua total ausência em muitas áreas, possa, por outro lado, oferecer, com a participação de outras ciências, uma imensidade de novos dados, decisivos à correcta reconstrução e compreensão das sociedades que nos precederam.

---

\* Da Academia Portuguesa da História. Director do Museu Municipal de Arqueologia de Silves.

\*\* Assistente da Universidade Nova de Lisboa. Do Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa.

\*\*\* Centro de Estudos Geológicos, FCT/UNL. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (C.M.O.).

Como exemplo do significativo contributo que a Arqueologia poderá desempenhar, permitimo-nos recordar os conhecimentos que hoje detemos, por vezes com grande pormenor, dos grandes factos históricos ocorridos no Portugal do século XV, enquanto pouco ou nada se sabe sobre a vida quotidiana dos homens que foram os seus protagonistas. Pouco ou nada se sabe dos diferentes aspectos da vida urbana ou rural de então, da habitação, do mobiliário e restante equipamento doméstico, do pequeno comércio, dos hábitos alimentares, da economia doméstica e artesanal, do desabrochar das indústrias, etc... E não deveremos, ainda, deixar de referir os significativos aspectos da vida cognitiva que, de igual modo, o registo arqueológico documenta, tanto directamente como através de subtis manifestações simbólicas.

É uma fracção de um desses quotidianos urbanos do século XV, da então ainda importante cidade de Silves, capital do reino do Algarve, terra do descobridor dos Açores (1427), cuja alcaidaria foi concedida ao Infante D. Henrique (1457) e onde Zurara terminou a “*Crónica da Tomada de Ceuta*” (1450), que passaremos a estudar.

## 2. Uma casa e algum do seu espólio

Menciona o “*Livro do Almojarifado*” de Silves, elaborado em 1474 pelo escudeiro e escrivão das sisas reais Gonçalo Pires, no capítulo referente ao “*Título das casas pardieiros e chãos que o dito Senhor Rey ha dentro no corpo da dita cidade*”, uma “*Rua que se começa aa porta da ujla*

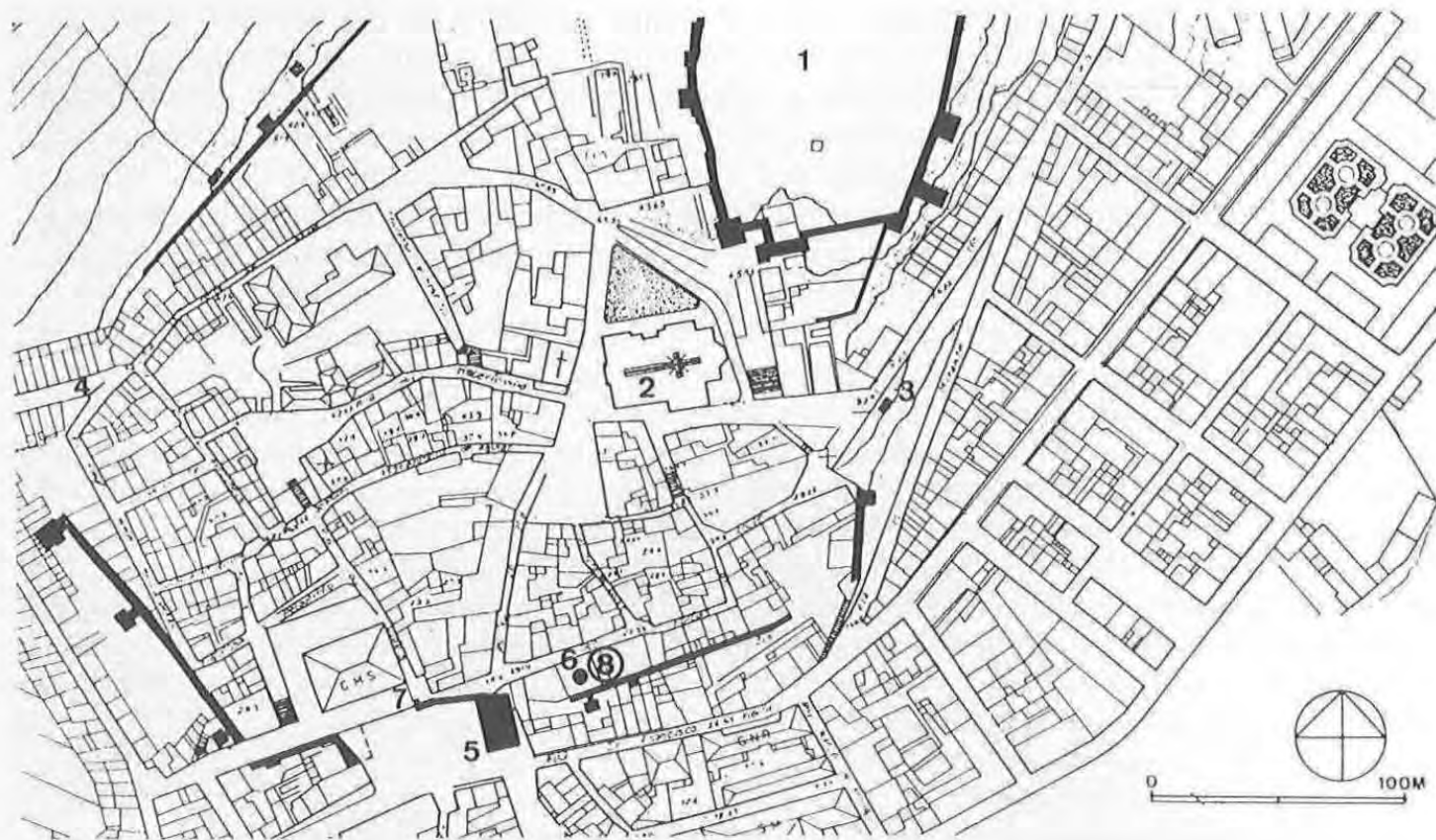


Fig. 1 - Localização do «pátio anexo ao poço-cisterna» (1, Castelo; 2, Sé; 3, Porta do Sol; 4, Porta da Azóia; 5, Porta de Loulé; 6, Poço-cisterna; 7, Banhos; 8, Pátio anexo ao poço-cisterna).



Fig. 2 - Pátio anexo ao poço-cisterna. Aspecto dos trabalhos, em 1986, nos quadrados 1, 2, 14 e 15.

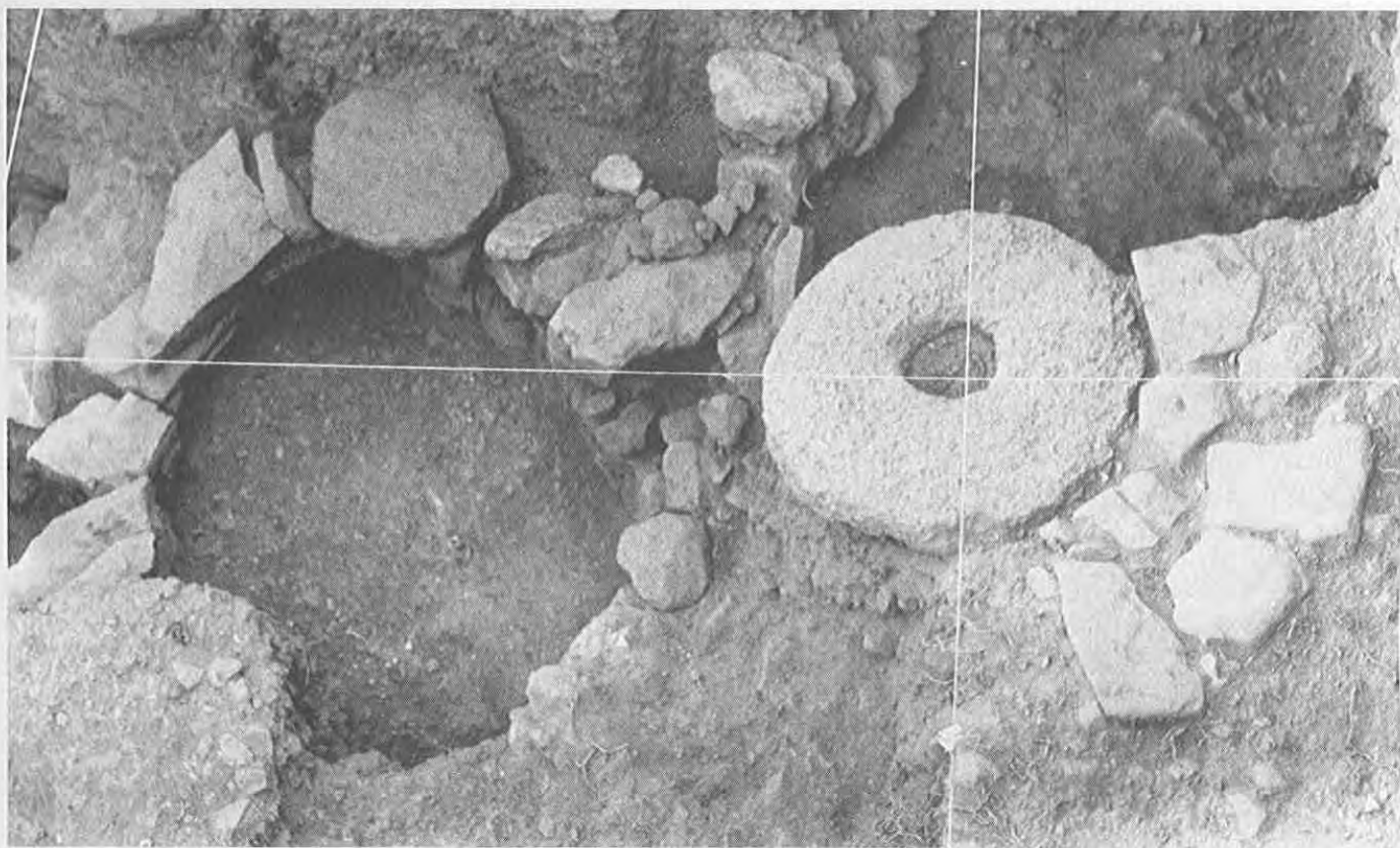


Fig. 3 - Pátio anexo ao poço-cisterna. Restos de pavimento do século XVI, parte da fossa do século XV e silo muçulmano (R XI/86-17).

que he aa parte do muro e uay para a Judayra...” e mais à frente, depois de descrever a localização de três casas pertencentes à coroa, refere uma “outra casa terrea que he em dicta rua uay para a Judyaria que parte de hua parte com a casa suso dicta que trazia o dicto Joam Vaz e da outra com casas d Afonso Vicente leboreiro e entesta per detras com o muro e per diante com a dicta rua puprica a quall trazia Gonçalo Martinz besteiro...” (Leal, 1989, 26, 27). Foi, pois, no local onde, na segunda metade do século XV, se erguiam as casas de Afonso Vicente Leboreiro que procedemos, de 1983 a 1988, a escavações arqueológicas tendo em vista investigar uma área anexa (SILV. 3) ao poço-cisterna almoada, hoje Monumento Nacional, anteriormente à construção do edifício do Museu Municipal de Arqueologia de Silves (Gomes e Gomes, 1984; 1989; 1991).

Afonso Vicente Leboreiro morava nas casas do topo do lado sul da então denominada “*rua publica*” “*que vai para a Judiaria*”, possivelmente térrea, como as restantes descritas na mesma via, hoje rua da Porta de Loulé. Desconhecemos a constituição de tais casas, embora à zona destinada a habitação e a cocheira, voltada para a rua, se associasse, nas traseiras e junto à muralha almoada que cercava a antiga medina muçulmana, o “muro” do “*Livro do Almojarifado*”, um pátio. Foi, precisamente, na área correspondente àquele espaço aberto que encontrámos uma fossa destinada a lixeira, encostada a um dispositivo defensivo mais antigo que o referido, possivelmente do período almorávida, onde detectámos o espólio agora estudado e que se encontra, parcialmente, exposto no Museu Municipal de Arqueologia de Silves.

Pouco se sabe de Afonso Vicente Leboreiro, embora encontremos no “*Livro do Almojarifado*” menção a três outros habitantes de Silves, seus contemporâneos e com o mesmo apelido: Martim Vicente, Vicente Martins e Constança Colos. Os dois primeiros habitavam em vias que confluíam na rua Direita, enquanto o terceiro era dono da alcaçaria, situada na Mouraria e perto da estalagem, assim como de propriedades rurais em Lobite (Leal e Domingues, 1984, 119, 120).

As escavações arqueológicas naquele local revelaram importante sucessão de ocupações, entre os séculos VI-VII e o século XVII que serão oportunamente estudadas. O nível tardo-romano é, por ora, o mais antigo identificado na área urbana de Silves, sucedendo-lhe um outro islâmico, dos séculos VIII-IX.

A fossa que serviu de lixeira e cujos materiais passaremos a descrever, ocupava parte dos quadrados 1 e 2 da retícula a partir da qual procedemos à escavação da área de um pátio anexo ao edifício, do século XIX, construído sobre o poço-cisterna almoada (SILV.3). Media cerca de 1.00m de profundidade máxima e formava uma área sub-oval, com 1.50m de comprimento por 1.20m de largura (C2B). Foi aberta em estratos contendo materiais do período islâmico (C3), nomeadamente dos seus finais, encontrando-se, conforme referimos, adossada a um troço de muralha que reconhecemos como almorávida e próxima de um grande silo, possivelmente do período almoada. Cobria-a um pavimento, constituído por grande tampa de silo, blocos de pedra e argamassa de cal e areia, que escondia alguns materiais do século XVI (C2A), entre os quais um ceitel e um real ou vintém, de prata, cunhados no reinado de D. Manuel I (1495-1521) e um real ou vintém, cunhado no reinado de D. Sebastião (1557-1578). Sobre o estrato mencionado foi, depois, edificado um compartimento que descobrimos repleto de materiais característicos dos finais do século XVI e, sobretudo, de meados da centúria seguinte, como faianças portuguesas decoradas nas cores azul e branca, porcelanas chinesas do reinado de Wan-Li (1573-1619), um fragmento de faiança italiana, com marca de Savona, restos de cachimbos ingleses ou holandeses, três vinténs, de prata, cunhado no reinado de D. Pedro II (1667-1706), entre outros.

A fossa mencionada conservava o espólio arqueológico a seguir descrito.

2.1. Cerâmicas fabricadas com pastas de núcleo de cor vermelha, castanha ou cinzenta, sendo as superfícies de cores semelhantes

1. Púcaro (?) (SILV.3 Q2/C2-44)\*. Fragmento contendo porção do bordo, com lábio de perfil semicircular, demarcado no exterior por uma canelura.

O diâmetro do bordo mediria 0.084m e a espessura média das suas paredes é de 0.004m.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão fino a médio.

Tanto o núcleo das paredes como a superfície interna são de cor castanha, acinzentada (5YR 4/2)\*\*, oferecendo a superfície exterior, aguada de cor cinzenta muito escura (5YR 3/1).

2. Tigela (SILV.3 Q2/C2-50). Fragmento contendo porção do bordo. Oferecia corpo hemisférico e bordo extrovertido, com a parte superior plana e o lábio recto, demarcado, exteriormente, por incisão larga.

O diâmetro do bordo mediria 0.105m e a espessura média das paredes era de 0.005m.

Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino.

Tanto o núcleo das paredes, como as suas superfícies, oferecem cor cinzenta escura (2.5YR 3/0).

3. Tigela (SILV.3 Q2/C2-42). Fragmento contendo porção do bordo. Oferecia corpo hemisférico de tendência troncocónica e bordo espessado, com lábio de secção semicircular. Sob este observam-se duas estreitas linhas incisas.

O diâmetro do bordo mediria 0.138m e a espessura média das paredes era de 0.005m.

Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino a médio.

O núcleo das paredes oferece cor castanha avermelhada (10R 4/6) e ambas superfícies mostram aguada de cor cinzenta escura (2.5YR 4/0).

4. Tigela (SILV.3 Q2/C2-10). Fragmento, contendo porção do bordo. Oferece corpo hemisférico, de tendência troncocónica e bordo espessado, vertical, com lábio de secção semicircular.

O diâmetro do bordo mediria 0.180m e a espessura média das paredes é de 0.006m.

Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino.

Tanto o núcleo como as superfícies das paredes oferecem cor castanha, avermelhada (10R 5/6), mostrando a superfície exterior manchas de cor cinzenta (10R 5/1), devidas à variação do ambiente durante a cozedura.

---

\* No código com que cada peça foi marcada, SILV.3 corresponde ao local escavado, mencionando-se, em seguida o quadrado da proveniência (Q1 ou Q2), a camada arqueológica (C2) e o seu número de ordem naquela.

\*\* Os códigos cromáticos referem-se às *Munsell Soil Color Charts* (1975) e, como tal, devem entender-se como aproximados.

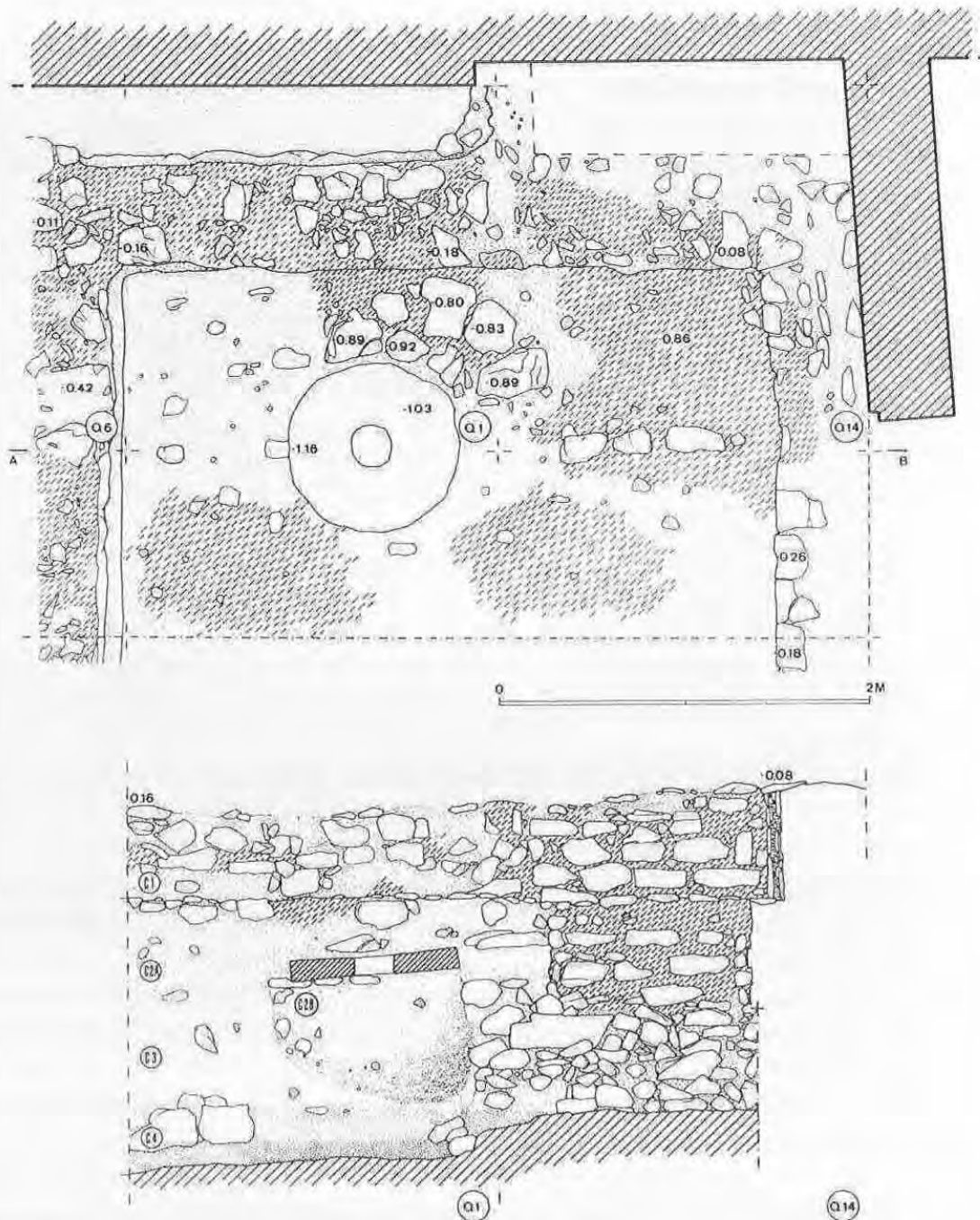


Fig. 4 - Planta e corte da zona onde se encontrava a fossa da casa do século XV.

5. Tigela carenada (SILV.3 Q1/C2-3). Encontrada fragmentada, mas quase completa, mostra carena alta e base plana. O bordo é espessado, introvertido e demarcado exteriormente por uma canelura larga. Tem a parte superior do lábio plana, inclinada para o interior, de aspecto biselado.

Mede 0.065m de altura, 0.156m de diâmetro no bordo e 0.046m de diâmetro na base. As paredes oferecem 0.005m de espessura média.

Foi fabricada com pasta homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão fino a grosseiro.

O núcleo das paredes é de cor vermelha alaranjada (10R 5/8), mostrando as superfícies cor idêntica e tom semelhante (10R 5/8 ou 10R 5/6), assim como manchas de cor cinzenta, devidas à acção do fogo, durante a cozedura, em meio oxidante, ou ulterior.



Fig. 5 - Aspecto da escavação da fossa do século XV, com fragmentos de *jarro in situ*.

6. Taça carenada (SILV.3 Q2/C2-13). Fragmento contendo porção do bordo, com a superfície superior aplanada e o lábio em bisel. Oferece carena acusada, a 0.030m abaixo do bordo. O diâmetro deste mediria 0.180m e a espessura média das paredes é de 0.005m.

Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino.

Tanto o núcleo como as superfícies das paredes mostram cor castanha (10R 4/6), com manchas negras (10R 2.5/1) próprias de arrefecimento em ambiente redutor.

7. Grande prato (SILV.3 Q2/C2-1). Encontrado fragmentado, mas quase completo, mostra forma aberta, com bordo sub-horizontal e pé alto em anel. O bordo é espessado, sendo o lábio de secção semicircular.

Mede 0.071m de altura, 0.291m de diâmetro no bordo e 0.080m de diâmetro no pé. A altura deste é de 0.008m. As paredes têm 0.013m de espessura máxima. O bordo mede 0.040m de largura e é demarcado do corpo por canelura com 0.002m de largura. Uma outra canelura semelhante demarca o lábio.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino e, alguns, grosseiros.

O núcleo das paredes é de cor vermelha alaranjada (10R 5/8) e as superfícies oferecem a mesma cor ou tom mais escuro (10R 5/6), embora com manchas de cor cinzenta a negra, devido à acção do fogo, durante a cozedura, em ambiente oxidante, ou adquirida ulteriormente.



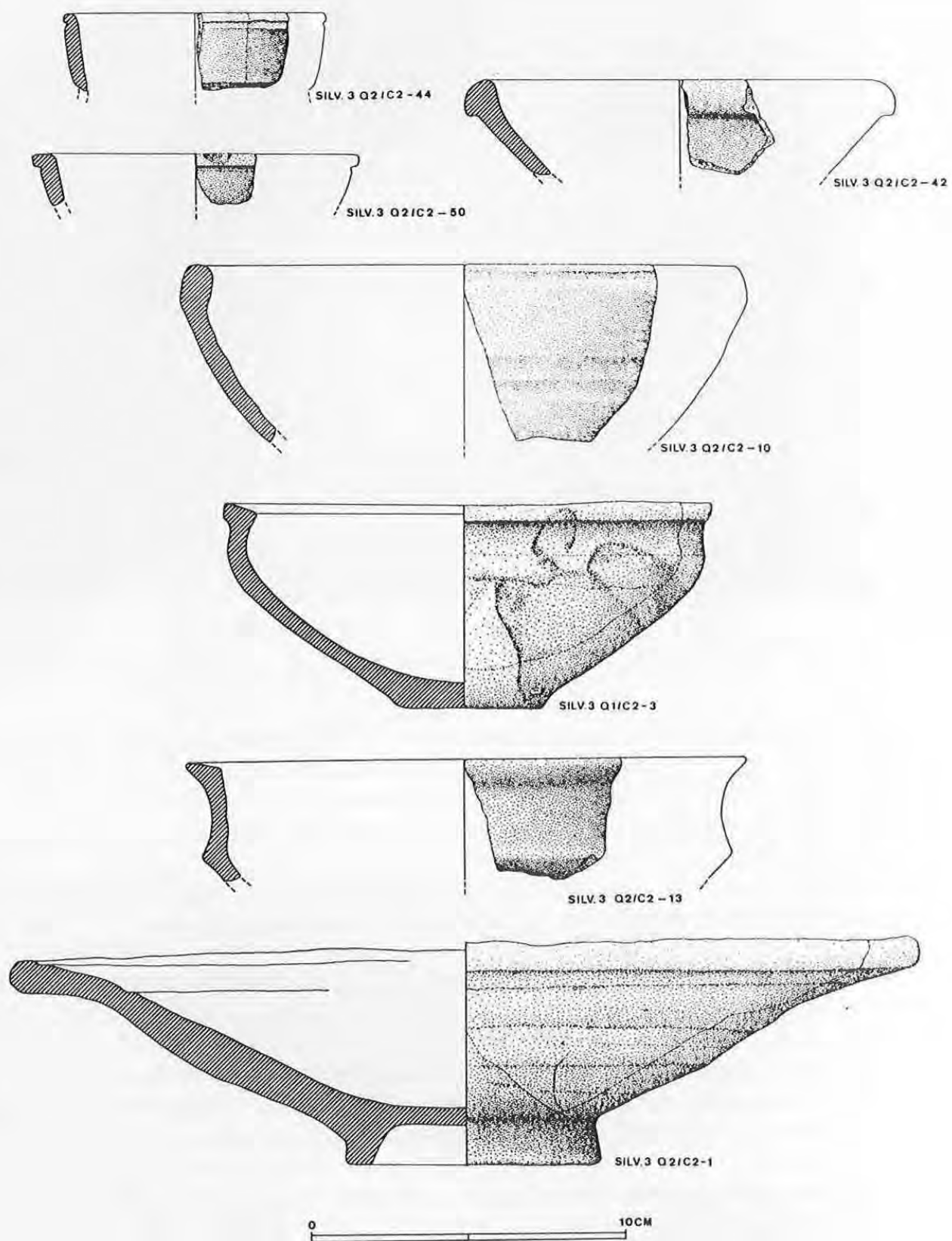


Fig. 6 - Cerâmica comum. Púcaro, tacho, tigelas e prato.

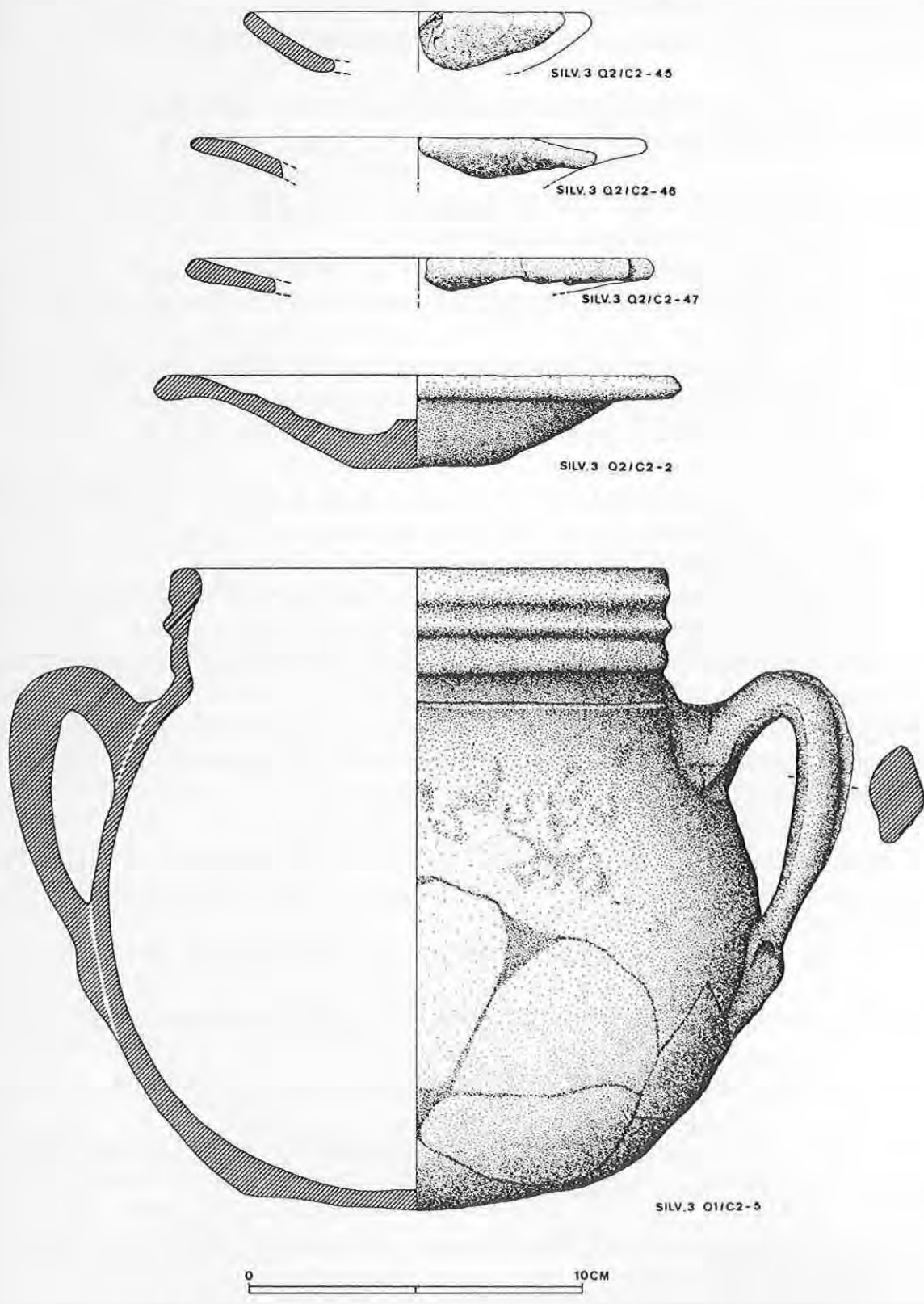


Fig. 7 - Cerâmica comum. Testos e panela.

8. Tacho (SILV.3 Q2/C2-40). Fragmento contendo porção do bordo. Este é espessado, com a parte superior plana, demarcado por estreito cordão e mostra o lábio em bisel.

O diâmetro do bordo mediria 0.130m e a espessura média das paredes é de 0.004m.

Foi fabricado com pasta homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino.

O núcleo das paredes é de cor vermelha (10R 5/8), oferecendo as superfícies aguada de cor cinzenta (10R 4/1), mais escura na exterior.

9. Tacho (SILV.3 Q2/C2-12). Fragmento contendo porção do bordo. Este é espessado e extrovertido, com a parte superior aplanada e o lábio em bisel.

O diâmetro no bordo mediria 0.148m e a espessura média das paredes é de 0.005m.

Foi fabricado com pasta homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino.

Tanto o núcleo das paredes, como as suas superfícies, mostram cor castanha avermelhada (10R 5/6). A superfície exterior recebeu aguada de cor castanha escura, quase negra (10R 4/2), e oferece manchas negras, devido à acção do fogo durante a sua utilização.

10. Caçoula ou tacho (SILV.3 Q1/C2-15). Encontrada fragmentada, mas quase completa, mostra forma troncocónica, com carena alta e fundo convexo. A carena é demarcada por uma canelura e o bordo, reentrante, mostra lábio com secção semicircular.

Mede 0.086m de altura, 0.212m de diâmetro na carena, 0.188m de diâmetro no bordo e 0.170m de diâmetro no fundo. A espessura média das paredes é de 0.006m.

Foi fabricada com pasta homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino e, alguns, de grão grosseiro.

O núcleo das paredes é de cor vermelha acastanhada (10R 5/6), sendo as superfícies da mesma cor, embora mais escuras (10R 4/8), possivelmente devido à acção do fogo a que a peça terá sido submetida durante a sua utilização.

11. Caçoula ou tacho (SILV. Q2/C2-4). Fragmento, contendo porção do bordo. Oferecia forma troncocónica e bordo reentrante, demarcado no exterior por duas caneluras, com lábio de secção semicircular.

Mede 0.231m de diâmetro máximo, sendo o diâmetro no bordo de 0.208m. A espessura média das paredes é de 0.004m.

Foi fabricada com pasta homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino a médio.

O núcleo das paredes é de cor vermelha acastanhada (10R 4/8), oferecendo cor idêntica tanto a superfície interior como a parte superior do bordo.

A superfície exterior é de cor castanha avermelhada (10R 4/4) a cinzenta, devido a aguada e à exposição ao fogo durante a sua utilização.

12. Tampa ou testo (SILV.3 Q2/C2-45). Fragmento contendo porção do bordo, com lábio de perfil semicircular.

O diâmetro do bordo mediria 0.104m e a espessura média das suas paredes é de 0.005m.

Foi fabricada com pasta homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão fino a médio.

Tanto o núcleo das paredes, como as suas superfícies são de cor castanha escura (5YR 4/3) a cinzenta (5YR 4/1).

13. Tampa ou testo (SILV.3 Q2/C2-46). Fragmento contendo porção do bordo, com lábio de perfil semicircular.

O diâmetro do bordo mediria 0.136m e a espessura média das paredes é de 0.005m.

Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão fino a médio.

O núcleo das paredes é de cor cinzenta escura (7.5YR 3/0) e as superfícies são de cor castanha clara (7.5YR 5/4).

14. Tampa ou testo (SILV.3 Q2/C2-47). Fragmento contendo porção do bordo, com lábio de perfil semicircular, com tendência a biselado.

O diâmetro do bordo mediria 0.140m e a espessura média das suas paredes é de 0.005m.

Foi fabricada com pasta pouco homogénea, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão médio a grosseiro.

O núcleo das paredes é de cor cinzenta (2.5YR 4/0), mostrando as superfícies engobe fino de cor castanha (2.5YR 4/4).

15. Tampa ou testo (SILV.3 Q2/C2-2). Encontrada fragmentada, mas quase completa, mostra forma troncocónica, com lábio espessado, horizontal, de secção semicircular, e base plana. Na parte superior oferece o início de uma pequena pega, em botão.

Mede 0.028m de altura máxima, 0.159m de diâmetro no bordo e 0.040m de diâmetro na base. As paredes têm 0.006m de espessura média.

Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo abundantes elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino a grosseiro.

O núcleo das paredes é de cor vermelha (10R 5/8) e as superfícies, de tom mais escuro, apresentam manchas, de cor cinzenta escura a negra, devido a intensa exposição ao fogo.

Esta peça bem poderá ter pertencido ao recipiente que, em seguida, descrevemos.

16. Painel (SILV.3 Q1/C2-5). Encontrada completa, embora fragmentada, mostra corpo globular, bordo alto e vertical, base convexa e duas asas opostas sobrelevadas, de perfil sub-semicircular, com secção trapezoidal.

O bordo, canelado, encontra-se demarcado do corpo por uma incisão e mostra lábio, espessado, de secção semicircular.

As asas arrancam logo abaixo do bordo e assentam na parte inferior do volume mesial do corpo.

Mede 0.191m de altura total, 0.200m de diâmetro máximo, 0.151m de diâmetro no bordo e 0.100m de diâmetro no fundo. As paredes têm 0.005m de espessura média.

Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo abundantes elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino a grosseiro.

O núcleo das paredes é de cor vermelha escura (10R 4/8) e as superfícies oferecem cor e tom semelhantes, embora apresentem manchas de cor cinzenta devidas à acção do fogo, tanto durante a sua cozedura como durante a utilização.

17. Panela (SILV.3 Q2/C2-5). Fragmento contendo porção do bordo. Este é vertical e tem lábio de secção semicircular, demarcado exteriormente por uma canelura, com 0.003m de largura.

O diâmetro do bordo mediria 0.126m e a espessura média das paredes é de 0.005m.

Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino a médio.

Tanto o núcleo das paredes como as suas superfícies são de cor alaranjada (2.5YR 5/8), embora a superfície exterior mostre manchas de cor acinzentada, devido à acção do fogo durante a sua utilização.

18. Panela (SILV.3 Q2/C2-6). Fragmento contendo porção do bordo. Este é vertical e o lábio espessado mostra secção semicircular. A superfície exterior do bordo oferece duas caneluras, muito largas, separadas por uma aresta.

O diâmetro do bordo mediria 0.143m e a espessura média das paredes é de 0.005m.

Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino a médio.

Tanto o núcleo das paredes como a superfície interna destas são de cor castanha clara (2.5YR 6/6), oferecendo a superfície externa, e a parte superior do bordo, engobe fino, de cor cinzenta escura (2.5YR 4/0).

19. Panela (SILV.3 Q2/C2-7). Fragmento contendo porção do bordo. Este é vertical, e mostra um espessamento na base e outro no lábio, onde oferece secção semicircular.

O diâmetro do bordo mediria 0.148m e a espessura média das suas paredes é de 0.008m.

Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino e, alguns, grosseiros.

Tanto o núcleo das paredes como a superfície externa destas são de cor castanha (2.5YR 4/4), oferecendo a superfície interna, e a parte superior do bordo, engobe, fino, de cor cinzenta escura (2.5YR 4/0). A superfície exterior exhibe algumas manchas, devidas a alterações do ambiente de cozedura.

20. Panela (SILV.3 Q2/C2-8). Fragmento contendo porção do bordo. Este é sub-vertical, demarcado na base por duas caneluras e tem lábio de secção semicircular.

O diâmetro do bordo mediria 0.151m e a espessura média das paredes é de 0.007m.

Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino.

Tanto o núcleo das paredes, como a superfície interna destas, são cor-de-laranja (2.5YR 5/8), oferecendo, a superfície externa e a parte superior do bordo, engobe, fino, de cor cinzenta escura (2.5YR 4/0).

21. Panela (SILV.3 Q2/C2-9). Fragmento contendo porção do bordo. Este é sub-vertical e espessado, demarcado na base por três estreitas caneluras, oferecendo a parte superior plana e lábio em bisel.

O diâmetro do bordo mediria 0.164m e a espessura média das paredes é de 0.007m.

Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino.

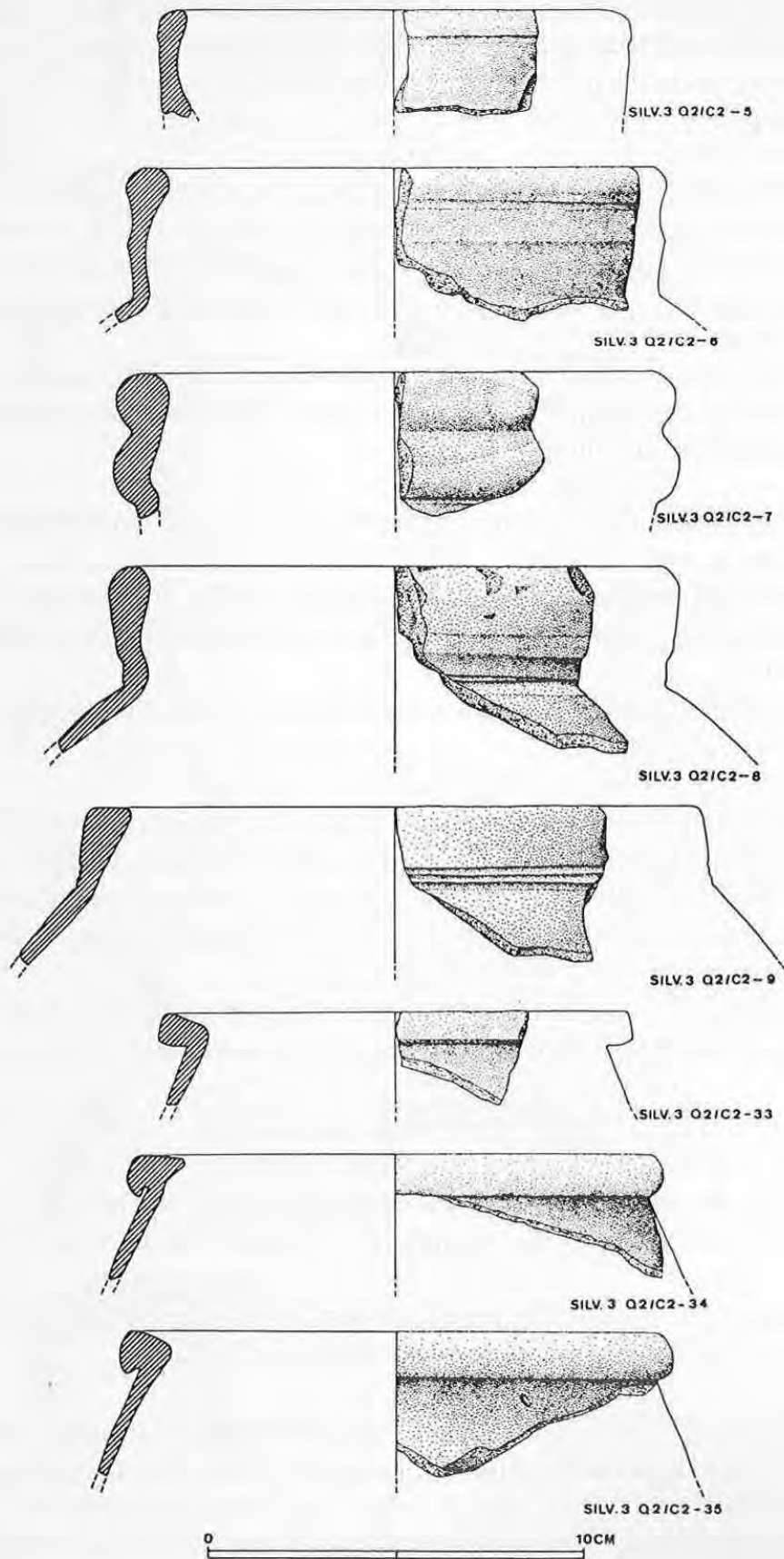


Fig. 8 - Cerâmica comum. Panelas.

Tanto o núcleo das paredes como a superfície interna destas são cor-de-laranja (2.5YR 5/8), oferecendo a superfície externa, e a parte superior do bordo, engobe fino, de cor castanha avermelhada (10R 4/6), assim como manchas de cor cinzenta, provocadas pela sua exposição ao fogo durante a utilização.

22. Painela (SILV.3 Q2/C2-33). Fragmento contendo porção do bordo. Este é espessado e extrovertido, com a parte superior plana e tem lábio em bisel.

O diâmetro do bordo mediria 0.126m e a espessura média das paredes é de 0.004m.

Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino.

O núcleo das paredes é de cor castanha acinzentada (10R 4/2), sendo as suas superfícies engobadas de cor-de-laranja clara (10R 6/8). A parte superior do bordo é de cor cinzenta (10R 4/1), possivelmente motivado pelo uso.

23. Painela (SILV.3 Q2/C2-34). Fragmento contendo porção do bordo. Este é espessado e extrovertido, com a parte superior plana, e tem lábio de secção semicircular.

O diâmetro do bordo mediria 0.142m e a espessura média das paredes é de 0.004m.

Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino.

O núcleo das paredes é de cor castanha avermelhada (10R 4/8), mostrando as superfícies aguada de tom mais escuro (10R 4/6).

24. Painela (SILV.3 Q2/C2-35). Fragmento contendo porção do bordo. Este é espessado e extrovertido, com a parte superior plana e tem lábio de secção semicircular.

O diâmetro do bordo mediria 0.142m e a espessura média das paredes é de 0.004m.

Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino.

O núcleo e a superfície interna das paredes é de cor castanha avermelhada (10R 5/8), mostrando a superfície exterior aguada de cor castanha acinzentada (10R 4/2).

25. Painela (SILV.3 Q2/C2-36). Fragmento contendo porção do bordo. Este é espessado e extrovertido, com a parte superior plana e tem lábio de secção semicircular.

O diâmetro do bordo mediria 0.156m e a espessura média das paredes é de 0.004m.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino.

O núcleo e a superfície interna das paredes é cor-de-laranja clara (2.5YR 6/8), mostrando a superfície exterior aguada de cor castanha acinzentada (2.5YR 5/2).

26. Painela (SILV.3 Q2/C2-37). Fragmento contendo porção do bordo. Este é espessado e extrovertido, com a parte superior plana e tem lábio de secção semicircular.

O diâmetro do bordo mediria 0.160m e a espessura média das paredes é de 0.004m.

Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino.

O núcleo e a superfície interna das paredes é cor-de-laranja (2.5YR 5/8), mostrando a

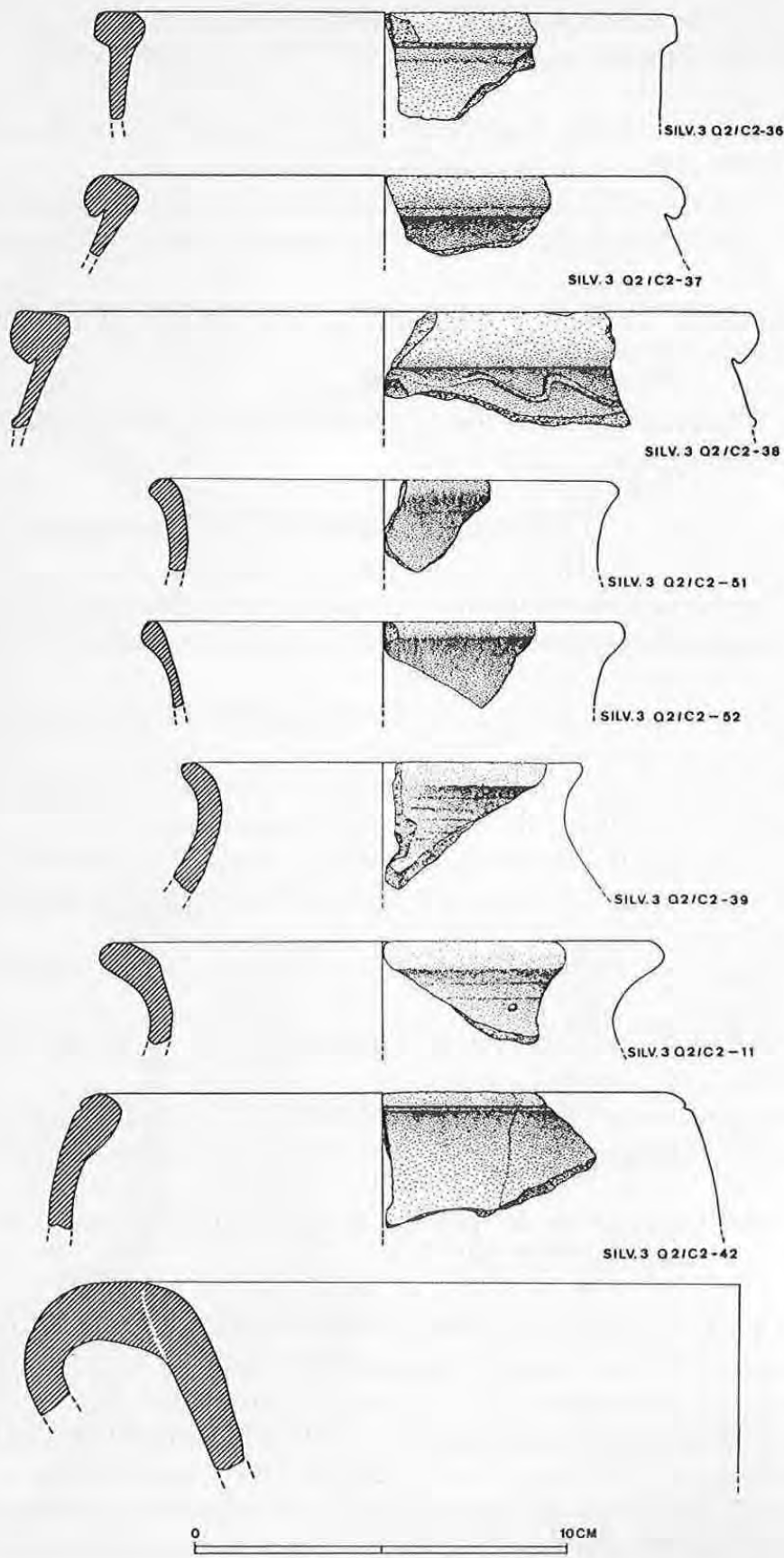


Fig. 9 - Cerâmica comum. Painelas, pote e ferrado.



superfície exterior, assim como a parte superior do bordo, cor cinzenta escura (2.5YR 3/0), devido a aguada e à sua intensa utilização ao fogo.

27. Painela (SILV.3 Q2/C2-38). Fragmento contendo porção do bordo. Este é espessado e extrovertido, com a parte superior plana e tem lábio em bisel.

O diâmetro do bordo mediria 0.200m e a espessura média das paredes é de 0.004m.

Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino.

O núcleo e a superfície externa das paredes é cor-de-laranja (2.5YR 5/8), mostrando a superfície interior, assim como a parte superior do bordo, aguada de cor castanha acinzentada (2.5YR 5/2).

A cerca de 0.015m abaixo do bordo mostra estreito cordão que delimita uma área decorada por linha incisa, em ziguezague.

28. Painela (SILV.3 Q2/C2-51). Fragmento contendo porção de bordo. Este é ligeiramente espessado e extrovertido e mostra lábio com secção semicircular.

O diâmetro do bordo mediria 0.126m e a espessura média das paredes é de 0.004m.

Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino.

O núcleo e as superfícies das paredes são de cor castanha escura, acinzentada (10R 3/1).

29. Painela (SILV.3 Q2/C2-52). Fragmento contendo porção do bordo. Este é ligeiramente extrovertido e espessado, mostrando lábio com secção semicircular.

O diâmetro do bordo mediria 0.130m e a espessura média das paredes é de 0.003m.

Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino.

O núcleo e as superfícies das paredes são de cor castanha escura, acinzentada (10R 4/1).

30. Painela (SILV.3 Q2/C2-39). Fragmento contendo porção do bordo. Este é extrovertido e mostra lábio com secção semicircular.

O diâmetro do bordo mediria 0.107m e a espessura média das paredes é de 0.007m.

Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino.

O núcleo e a superfície externa das paredes é de cor cinzenta escura (5YR 3/1), sendo a superfície interna de cor castanha (5YR 5/4).

31. Painela (SILV.3 Q2/C2-11). Fragmento, contendo porção do bordo. Este é ligeiramente espessado, extrovertido, aplanado na parte superior, e tem lábio de secção semicircular.

O diâmetro no bordo mediria 0.152m e a espessura média das paredes é de 0.006m.

Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino.

Tanto o núcleo das paredes, como a superfície interna, mostram cor vermelha alaranjada (10R 5/8). A parte superior do bordo e a superfície externa receberam aguada, de cor castanha acinzentada (10R 5/2).

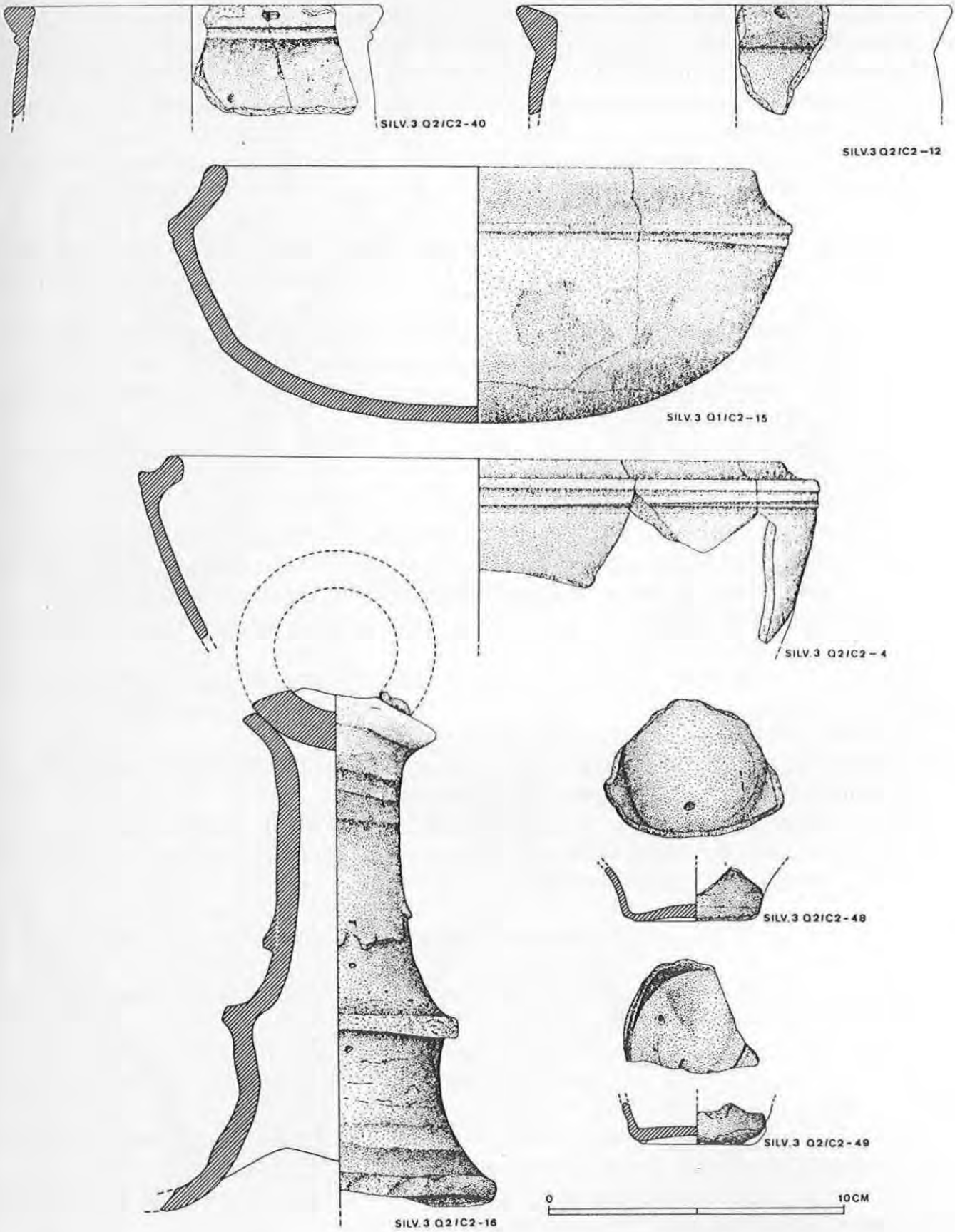


Fig. 10 - Cerâmica comum. Tachos, candeias e candeiro.

32. Pote (SILV.3 Q2/C2-42). Fragmento contendo porção do bordo. Este é introvertido, espessado no interior e o lábio, com secção semicircular, encontra-se demarcado por uma incisão. O diâmetro do bordo mediria 0.162m e a espessura média das paredes é de 0.006m. Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino. O núcleo das paredes é cor-de-laranja (2.5YR 5/8), mostrando as superfícies aguada de cor cinzenta escura (10R 4/1).
33. Ferrado (?) (SILV.3 Q2/C2-43). Fragmento contendo porção do bordo. Este é ligeiramente extrovertido, com a parte superior quase plana e o lábio de secção semicircular, com tendência a biselado. Uma asa de secção elíptica e sobrelevada, arrancava do bordo e assentava a meio do corpo. O diâmetro do bordo mediria 0.320m e a espessura média das paredes é de 0.010m. Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão médio. O núcleo das paredes é de cor castanha alaranjada (2.5YR 5/8) e ambas superfícies oferecem engobe fino, de cor castanha clara (2.5YR 5/6).
34. Infusa (SILV.3 Q1/C2-4) Encontrada fragmentada, mas completa, mostra corpo globular, fundo plano e bordo alto. Um estrangulamento, assinalado por ressalto, demarca o bordo do corpo. O lábio é introvertido, tem secção semicircular e é assinalado no exterior por canelura. Uma asa larga e sobrelevada, quase vertical, de secção plano-convexa, liga um ponto da área mesial do bordo a outro do volume médio do corpo. Mede 0.282m de altura, 0.185m de diâmetro máximo, 0.094m de diâmetro no bordo e 0.100m de diâmetro no fundo. As paredes têm 0.008m de espessura máxima. Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo abundantes elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino a grosseiro. O núcleo das paredes é de cor castanha a vermelha (10R 5/4), oferecendo ambas superfícies aguada de cor vermelha alaranjada (10R 5/8). Na superfície exterior reconhecem-se manchas de cor castanha, devidas ao desaparecimento daquele tratamento.
35. Infusa (SILV. 3 Q1/C2-9). Encontrada fragmentada, mas quase completa, dado apenas lhe faltar a asa. Oferece corpo globular, assente sobre fundo plano, e bordo alto, ligeiramente extrovertido, com lábio de perfil subtriangular ou em bisel. Uma asa arrancaria da zona mesial do bordo e assentava a meio do corpo. Mostra, sob o lábio, filete em relevo e um outro, mais estreito, demarca a separação entre o bordo e o corpo. Mede 0.384m de altura, 0.260m de diâmetro máximo, 0.120m de diâmetro no bordo e 0.130m de diâmetro no fundo. As paredes têm 0.017m de espessura máxima. Foi fabricada com pasta homogénea, mas não muito compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino a grosseiro. O núcleo das paredes é de cor vermelha escura (10R 4/8), sendo as superfícies de cor semelhante, embora ofereçam manchas acinzentadas, devidas à variação do ambiente de cozedura.

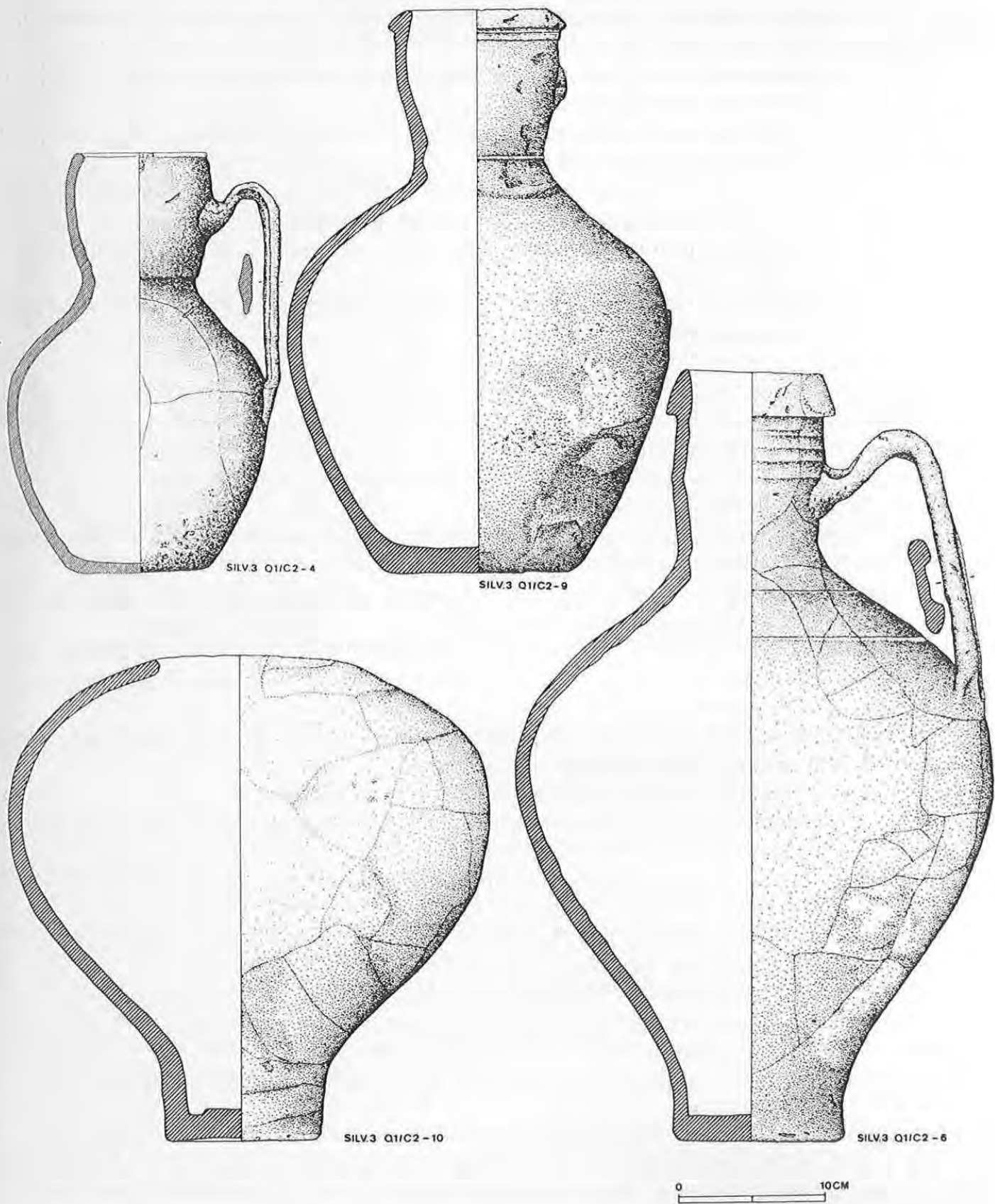


Fig. 11 - Cerâmica comum. Infusas e cântaros.

36. Cântaro (SILV. 3 Q1/C2-6). Encontrado fragmentado, mas quase completo, mostra corpo globular, alongado ou de tendência fusiforme, assente em fundo plano, e bordo alto, com lábio espessado de perfil triangular ou em bisel.

Uma asa, larga e sobrelevada, com secção plano-côncava, arranca sensivelmente a meio do bordo e assenta no início do volume mesial do corpo.

Sob o lábio oferece três caneluras, pouco marcadas, e duas linhas incisivas, afastadas cerca de 0.032m, decoram a parte superior do corpo.

Mede 0.522m de altura, 0.328m de diâmetro máximo, 0.116m de diâmetro no bordo e 0.118m de diâmetro no pé. As paredes oferecem 0.012m de espessura média.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino a médio.

O núcleo das paredes é de cor vermelha (10R 5/6) e às superfícies, bem afagadas, foi dada aguada de tom ligeiramente mais escuro (10R 4/8).

37. Cântaro (SILV. 3 Q1/C2-10). Encontrado fragmentado, mas quase completo, embora tenha sido utilizado já sem o bordo e a asa. Mostra corpo globular, apontado na extremidade inferior onde termina em pé alto, com base quase plana. A aresta da zona que ligaria com o bordo encontra-se polida para melhor utilização, uma vez perdida aquela parte da peça.

O interior do pé mostra ligeiro ônfalo.

Tem, actualmente, 0.330m de altura sendo o seu maior diâmetro de 0.332m. O diâmetro do pé é de 0.108m e as paredes têm 0.010m de espessura máxima.

Foi fabricado com pasta homogénea mas não muito compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino a médio.

O núcleo das paredes é de cor vermelha (10R 4/8) e às superfícies, bem afagadas, foi dada aguada na mesma cor mas de tom acastanhado (10R 4/6), mostrando algumas zonas negras.

38. Lamparina (SILV.3 Q2/C2-48). Fragmento contendo porção do fundo, plano e de forma circular, tal como o arranque das paredes.

O diâmetro do fundo mediria 0.048m e a espessura das paredes é de 0.002m.

Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino.

O núcleo e as superfícies das paredes oferecem cor castanha escura, acinzentada (2.5YR 4/0).

39. Lamparina (SILV.3 Q2/C2-49). Fragmento contendo porção do fundo, plano e de forma circular, tal como o arranque das paredes.

O diâmetro do fundo mediria 0.046m e a espessura das paredes é de 0.002m.

Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino a médio.

O núcleo e as superfícies das paredes oferecem cor castanha escura, acinzentada (5YR 3/1)

40. Candeeiro (?) (SILV.3 Q2/C2-16). Fragmento contendo porção dos volumes mesial e distal. Mostra corpo de forma troncocónica, encimado por uma argola, igualmente de cerâmica. A meio do fragmento observa-se o arranque das paredes de um dos contentores de fogo e na base encontrar-se-ia outro.

A porção conservada mede 0.177m de altura total e o seu maior diâmetro é de 0.113m. As

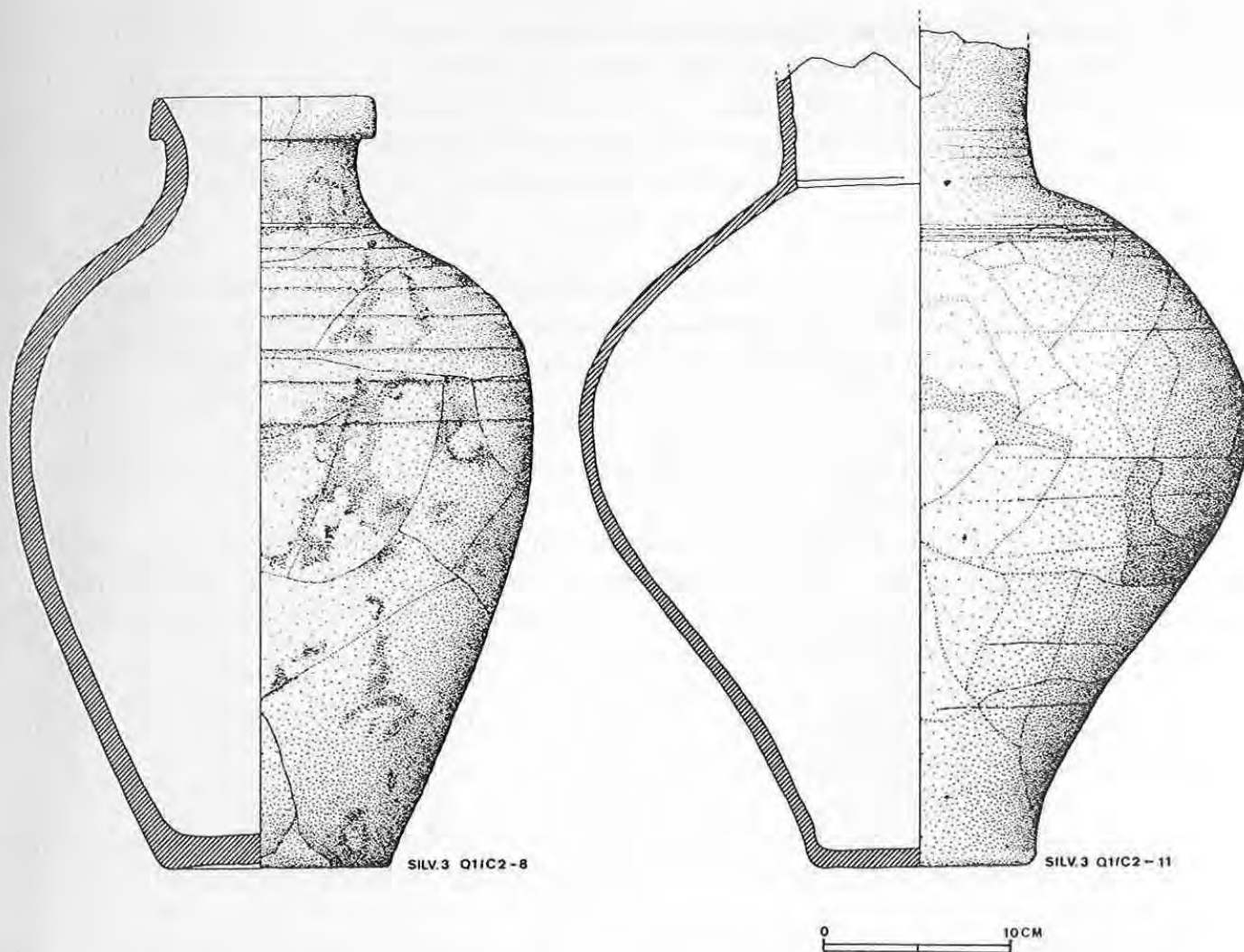


Fig. 12 - Cerâmica de pasta clara. Talha e cântaro.

paredes têm 0.007m de espessura média. A argola, por onde poderia ser dependurado, tinha 0.070m de diâmetro externo.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão fino a médio. O núcleo das paredes é de cor castanha escura (2.5YR 3/2), sendo as superfícies de tom mais claro (2.5YR 4/2), embora a exterior mostre manchas de cor cinzenta escura, devidas à acção do fogo durante a utilização.

2.2. Cerâmicas fabricadas com pastas claras, com núcleo de cor rosada ou bege, sendo as superfícies de tom semelhante

41. Talha (SILV.3 Q1/C2-8). Encontrada fragmentada mas quase completa. Mostra corpo globular alongado, assente em base plana. O bordo é vertical e o lábio, algo extrovertido, apresenta secção sub-triangular ou em bisel.

Mede 0.412m de altura, 0.288m de diâmetro máximo, 0.124m de diâmetro no bordo e igual dimensão no fundo. As paredes têm 0.014m de espessura máxima.

Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos, micáceos e feldspáticos, de grão médio a grosseiro.

O núcleo das paredes é de cor rosada (2.5YR 6/6) e as superfícies, bem afagadas, apresentam aguada de cor bege amarelada (7.5YR 6/4). No terço superior da superfície exterior, imediatamente abaixo do bordo, observam-se oito caneluras horizontais, pouco profundas, com 0.003m de largura.

42. Cântaro (SILV. 3 QI/C2-11). Encontrado fragmentado, mas quase completo, faltando-lhe parte do bordo e a asa. Mostra corpo globular, apontado na extremidade proximal, onde termina numa base plana. O bordo é vertical e alto, desconhecendo-se a forma do lábio. Na superfície exterior do corpo detectam-se finas linhas incisas, paralelas e horizontais, algumas concentradas na sua parte superior.

Mede, actualmente, 0.446m de altura, sendo o diâmetro máximo de 0.359m, o diâmetro no arranque do bordo mede 0.140m e o do fundo apresenta 0.122m.

Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino a médio. O núcleo das paredes é de cor bege rosada (7.5YR 8/4), por vezes com o centro de cor acinzentada (7.5YR 7/2) e as superfícies, bem afagadas, apresentam aguada de cor bege amarelada (10YR 8/4).

### 2.3. Cerâmicas com as superfícies vidradas

43. Taça carenada ou escudela (SILV. 3 QI/C2-14). Encontrada fragmentada, mas quase completa, oferece carena alta, pé destacado, em anel, e bordo vertical com lábio de secção semi-circular.

Mede 0.084m de altura, 0.169m de diâmetro na carena e 0.168m de diâmetro no bordo. O pé, com 0.012m de altura e demarcado por incisão, tem 0.070m de diâmetro. As paredes oferecem 0.060m de espessura média.

Foi fabricada com pasta muito homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino.

O núcleo das paredes é de cor rosada (2.5YR 6/2) e ambas superfícies oferecem vidrado de cor amarela torrada ou melada. No interior do fundo observam-se as marcas da trempe ou cavalete, que permitiria o empilhamento destas peças no forno aquando da cozedura.

44. Infusa (SILV. 3 QI/C2-7). Encontrada fragmentada, mas quase completa, mostra corpo globular, fundo plano e bordo alto. Um estrangulamento, limitado por duas caneluras, demarca o bordo do corpo. O lábio, ligeiramente extrovertido, é assinalado por canelura, apresentando secção semicircular com tendência, no interior, para biselado.

Uma asa ligaria a parte superior do bordo a um ponto do volume mesial do corpo.

Mede 0.230m de altura, 0.141m de diâmetro máximo, 0.092m de diâmetro no bordo e 0.100m de diâmetro no fundo. As paredes têm 0.005m de espessura média.

Uma canelura assinala a base do ponto onde descansava a asa.

Foi fabricada com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino a grosseiro.

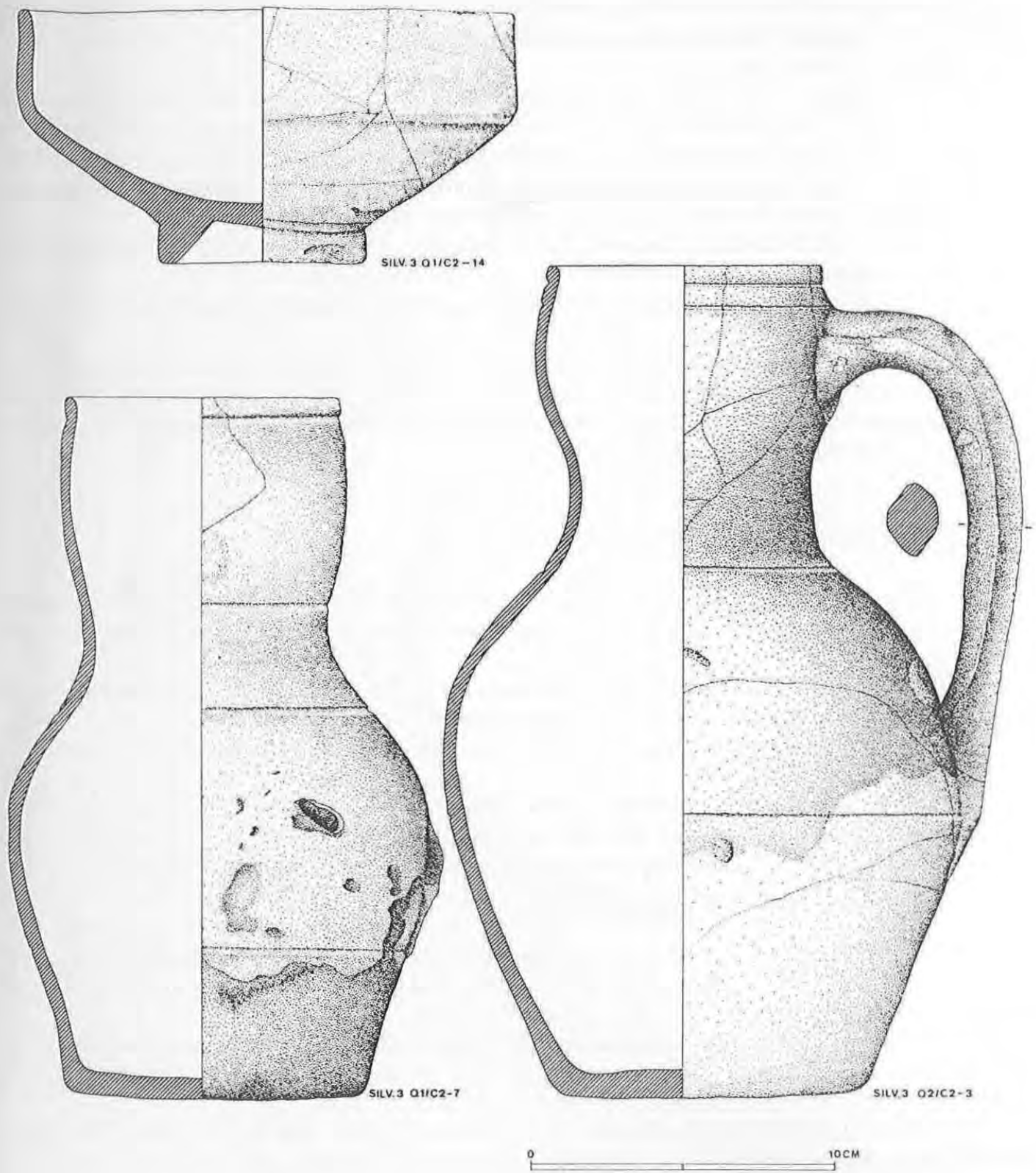


Fig.13 - Cerâmica vidrada. Escudela e infusas.



O núcleo das paredes é de cor vermelha (10R 5/8), sendo a superfície interior vidrada, de cor castanha clara, amarelada. A superfície exterior foi parcialmente vidrada, com cor idêntica, dado encontrar-se no terço inferior do corpo uma zona, em reserva, da cor do núcleo, delimitada por grandes arcos ou gomos. O vidrado conserva-se mal fixado.

45. Infusa (SILV.3 Q2/C2-3). Encontrada fragmentada, mas quase completa, mostra corpo globular, fundo plano e bordo alto. Um estrangulamento, assinalado por canelura, demarca o bordo do corpo. O lábio introvertido, assinalado por duas caneluras, oferece secção semicircular. Uma asa, de secção biconvexa, liga a parte superior do bordo a um ponto do volume mesial do corpo. Abaixo do ponto onde descansa a asa mostra uma quarta canelura.

Mede 0.272m de altura, 0.170m de diâmetro máximo, 0.091m de diâmetro no bordo e 0.100m de diâmetro no fundo. As paredes têm 0.005m de espessura máxima.

Foi fabricada com pasta homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino a médio.

O núcleo das paredes é de cor bege acinzentada (10YR 7/3), mostrando a superfície interior, e parte da exterior, vidrado, aderente e brilhante, de cor verde azeitona, muito transparente até à zona da quarta canelura. A área em reserva é delimitada por três grandes arcos ou gomos e apresenta cor idêntica à do núcleo das paredes.

#### 2.4. Cerâmicas com as superfícies esmaltadas

46. Taça hemisférica (SILV.3 Q1/C2-1). Encontrada fragmentada mas quase completa. O bordo é vertical e apresenta lábio com secção semicircular. O pé é em anel, oblíquo, e oferece ligeira carena na base.

Mede 0.078m de altura, 0.160m de diâmetro no bordo e 0.070m de diâmetro na base. As paredes medem 0.014m de espessura máxima. A altura do pé é de 0.008m.

Foi fabricada com pasta homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão muito fino.

O núcleo das paredes é de cor bege rosada (10R 6/6) e as superfícies foram esmaltadas de cor verde escura. O esmalte é espesso, aderente, mas pouco brilhante, e registam-se, devido ao uso, falhas no pé e no bordo. A superfície exterior exhibe três linhas incisas, com 0.001m de largura, a primeira a 0.012m abaixo do bordo, a segunda a 0.024m daquela e a terceira a 0.020m desta última.

47. Redoma (SILV.3 Q1/C2-13). Encontrada quase completa, falta-lhe, apenas, parte do bordo e a asa que unia este a um ponto do volume mesial do corpo. Mostra corpo globular, sub-esférico, colo muito estreito e pé alto, oblíquo, em anel.

O bordo, extrovertido e, possivelmente, trilobulado, oferecia lábio com secção semicircular. Mostra uma canelura, com 0.001m de largura, 0.010m abaixo do bordo e duas outras, com dimensões idênticas, 0.010m acima do ponto onde assentava a asa.

Mede, actualmente, 0.134m de altura e 0.114m de diâmetro máximo. O diâmetro no bordo é de 0.028m e o do pé mede 0.073m. Este apresenta 0.007m de altura. As paredes têm 0.007m de espessura média.

Foi fabricada com pasta homogênea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino. O núcleo das paredes é de cor bege rosada (5YR 7/3).

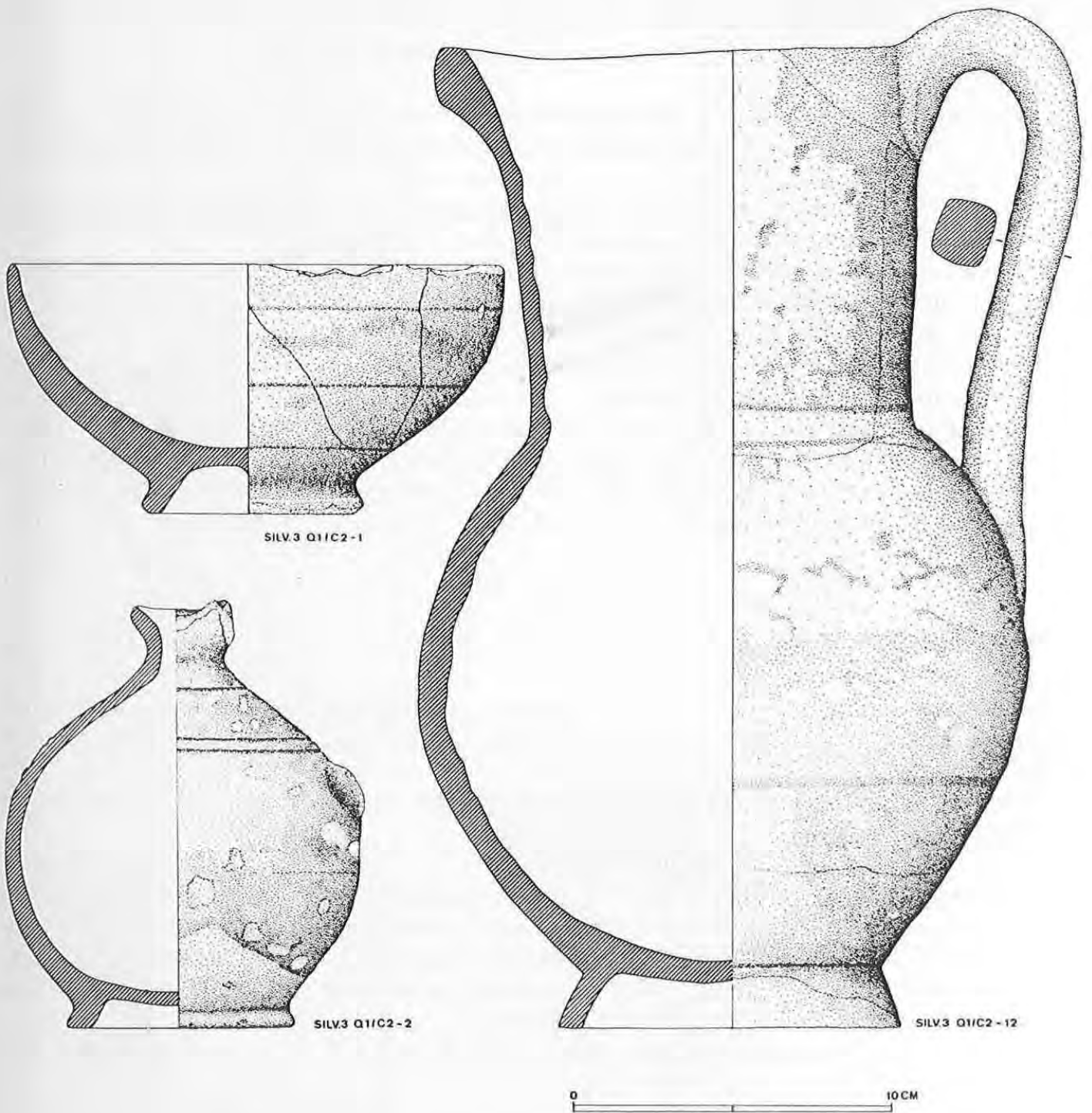


Fig. 14 - Cerâmica esmaltada. Tigela, redoma e jarro.

A superfície exterior oferece esmalte, aderente mas pouco brilhante, assim como o interior do bordo, de cor azul turquesa e, as áreas em reserva, engobe de cor bege amarelada (10YR 8/4). Este mesmo tratamento foi dado às paredes interiores.

O limite da zona esmaltada desenha três grandes arcos ou gomos.

48. Jarro (SILV.3 Q1/C2-12). Encontrado fragmentado, mas quase completo, mostra corpo globular, bordo cilíndrico e alto, assentando em pé destacado, anelar. O lábio, espessado, tem secção semicircular.

Uma asa, ligeiramente sobrelevada e com secção subquadrangular, ligava a parte superior do bordo a um ponto mesial do volume superior do corpo.

Mede 0.305m de altura, 0.192m de diâmetro máximo, 0.144m de diâmetro no bordo e 0.108m de diâmetro no pé. Este tem 0.016m de altura. As paredes do corpo medem 0.010m de espessura máxima e as do bordo 0.006m.

Foi fabricado com pasta muito homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão finíssimo.

O núcleo e as superfícies das paredes são de cor bege (7.5YR 7/4). A superfície exterior mostra esmalte, pouco aderente e sem brilho, de cor branca, assim como pinturas na cor azul de cobalto e de reflexo metálico dourado. Estas oferecem motivos fitomórficos e linhas horizontais que delimitam a união do bordo com o corpo. Observa-se uma outra linha horizontal na parte inferior do corpo.

## 2.5. Outros artefactos

49. Almofariz (SILV.3 Q1/C2-16). Talhado em mármore branco, possivelmente da região de Estremoz, mostra corpo cilíndrico, com quatro cantos salientes e biselados. O fundo desapareceu devido a uso intenso.

Mede 0.096m de altura e 0.156m de diâmetro máximo. As paredes têm 0.015m de espessura média.

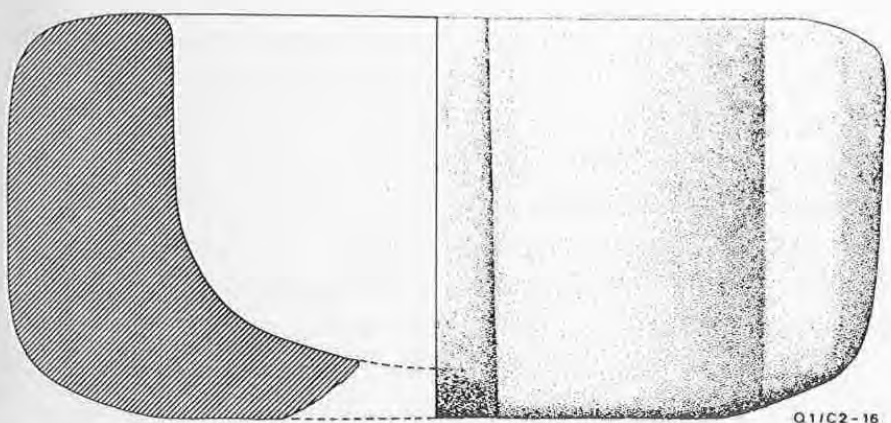
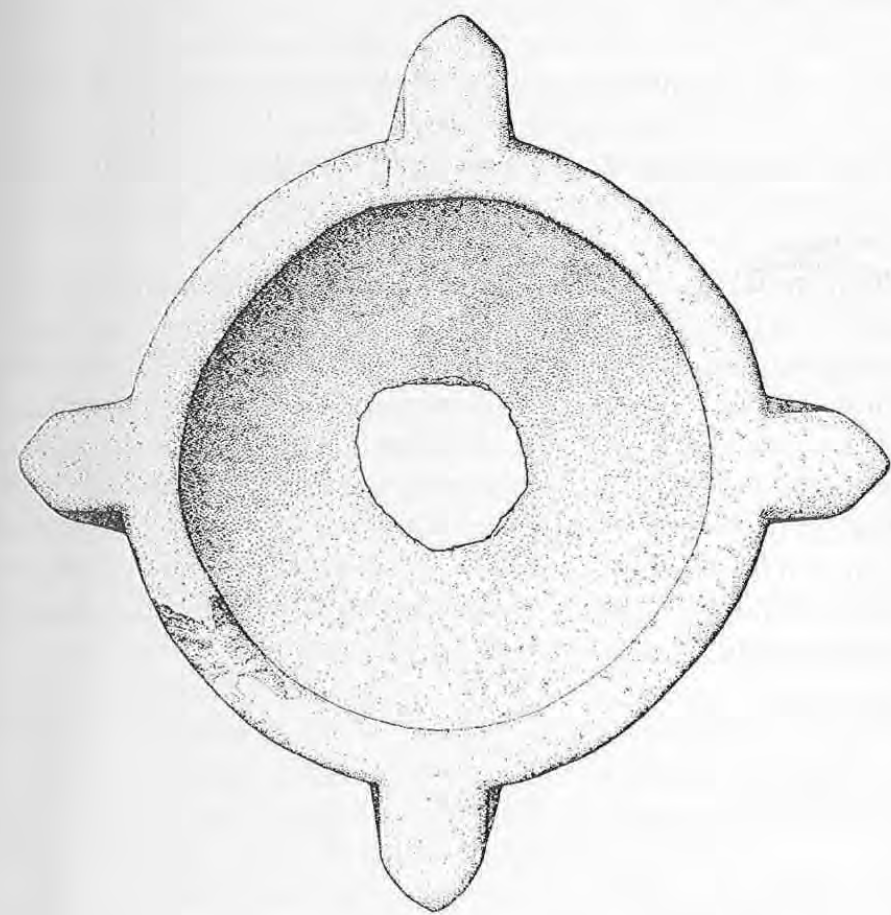
50. Punhal de discos (SILV.3 Q1/C2-13). Com punho e guardas de bronze, sendo tanto a lâmina como a ponteira da bainha de ferro. A lâmina oferece apenas um gume. As guardas são constituídas por discos e o punho seria revestido de material perecível, possivelmente madeira, fixado por quatro rebites. A bainha, de couro, desapareceu, restando, apenas, a ponteira, de forma sub-triangular, calada, e com a extremidade cilíndrica.

Mede 0.300m de comprimento total, atingindo a lâmina 0.180m. As guardas têm 0.035m de diâmetro máximo.

51. Agulha de roca (SILV.3 Q1/C2-17). Em osso, mostra forma subtrapezoidal e um orifício, em uma das extremidades, por onde era atada ao castelo da roca.

Mede 0.055m de comprimento, 0.015m de largura e 0.002m de espessura máxima.

52. Moeda (SILV.3 Q2/C2-14). Ceutil, em mau estado de conservação, cunhado no reinado de D. Duarte (1433-1438).



0 10 CM

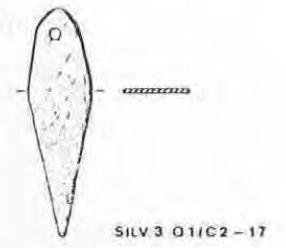
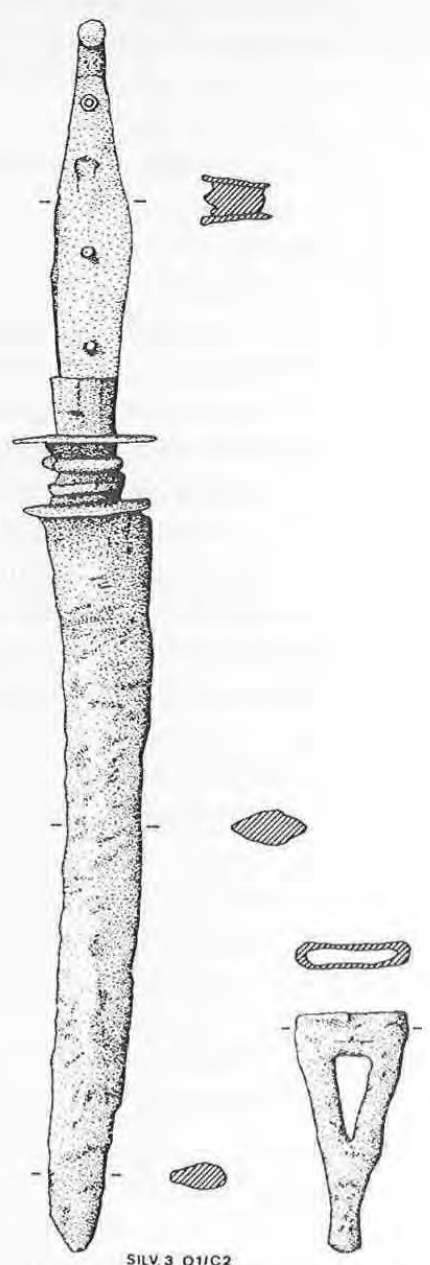


Fig. 15 - Almofariz, punhal de discos e agulha de roca.

53. Moeda (SILV.3 Q2/C2-15). Ceitel, em mau estado de conservação, cunhado no reinado de D. Afonso V (1438-1481).

### 3. Funções, paralelos e integração cultural

O conjunto de objectos, inteiros ou fragmentados, que preenchem a pequena fossa de detritos situada no pátio das traseiras de uma casa da actual rua da Porta de Loulé, em Silves, e que acabámos de descrever, é essencialmente constituído por cerâmicas. Ressalta, desde logo, o carácter doméstico das mesmas, sendo mais abundantes as peças utilizadas na cozinha, de produção comum e origem local ou regional.

A função de tais recipientes era variada, sendo utilizados no armazenamento de água, azeite, vinho ou de outros alimentos líquidos ou sólidos, e na sua confecção, nomeadamente usados para irem ao lume, como as panelas, encontradas em maior número, e os tachos ou caçoilas. São sobretudo peças cujas superfícies não sofreram qualquer tratamento ou que receberam somente uma aguada para melhor as impermeabilizar (86,36%). Apenas duas das infusas, as de menores dimensões mostram as paredes vidradas, assim como algumas das loiças de mesa, entre as quais se identificaram como indicaremos, raros elementos importados.

O inventário dos recipientes de cerâmica completos e os fragmentos que possibilitaram o seu reconhecimento formal, pode sintetizar-se no seguinte quadro:

Formas	Cerâmicas comuns	Cerâmicas vidradas ou esmaltadas	Total	%
Púcaro	1	–	1	2,27
Tigela/taça	5	2	7	15,91
Prato	1	–	1	2,27
Tacho/caçoila	5	–	5	11,36
Panela	16	–	16	36,36
Pote	1	–	1	2,27
Ferrado	1	–	1	2,27
Infusa	2	2	4	9,09
Cântaro	3	–	3	6,82
Lamparina	2	–	2	4,55
Candeeiro	1	–	1	2,27
Redoma	–	1	1	2,27
Jarro	–	1	1	2,27
Total	38	6	44	99,98
%	86,36	13,64	100,00	

Quadro I. Formas e percentagens das cerâmicas estudadas.

O único fragmento que atribuímos a um púcaro sugere forma semelhante às por nós encontradas em outros contextos dos séculos XV e XVI de Silves. Uma peça com funções idênticas foi exumada na alcáçova de Alenquer, sendo classificada no século XIV (Matos, 1971, 575, est. II). Tanto em Setúbal, na travessa da Portuguesa (escavações de C. Tavares da Silva), como em Almada, nos silos da travessa Henriques Nogueira (Sabrosa e Santos, 1993, 118, 119), e em silos do Palácio Nacional de Sintra (Amaro, 1992, 116), recolheram-se fragmentos de púcaros com formas semelhantes ao agora estudado, os primeiros bem datados no século XIV, os segundos da primeira metade do século XV e os últimos dos finais do século XIV ou dos começos da centúria seguinte. Trata-se de recipientes com pequenas dimensões, de corpo globular ou de tendência bitroncocónica, em geral com bordo largo, e providos de uma ou, mais comumente, de duas asas.

As tigelas, de cerâmica comum, não vidradas nem esmaltadas, tanto podem ter sido utilizadas na cozinha, para a preparação dos alimentos e ir ao fogo, como para os levar à mesa ou, ainda, para nelas se comer. As variantes formais identificadas encontram protótipos no mundo das produções presentes na Silves islâmica. E o mesmo deveremos concluir da existência do fragmento de taça carenada, fabricada em cerâmica comum, com claros ascendentes no período almoada.

De igual modo, o grande prato de bordo sub-horizontal serviria para levar alimentos à mesa, talvez neles consumidos colectivamente. Julgamos tratar-se de produção local, com abundantes paralelos vidrados, de cor melada, recolhidos no poço-cisterna e em outros locais de Silves, datados dos séculos XV e XVI (Gomes e Gomes, 1991, 462, 468).

Constituiu, sem dúvida, peça de mesa, dado o maior requinte estético, a escudela carenada, com o pé alto anelar, e as superfícies cobertas com espesso vidrado de cor amarela torrada ou melada, possivelmente de produção local e de clara tradição muçulmana. Os seus protótipos encontram-se nas grandes taças carenadas, *ataifores* ou *conical plates*, dos níveis almoadas, como confirmaram os abundantes exemplares do Castelo de Silves (Gomes, 1988, 121, 122, 227-234; Gomes e Gomes, 1991, 462, 463, 468).

As escudelas carenadas, com as superfícies meladas e pé em anel ou côncavo, são muito comuns nos contextos portugueses dos séculos XV e XVI, embora menos abundantes que as de superfícies esmaltadas a branco, ausentes no conjunto agora estudado.

Aquelas loiças estão, por exemplo, presentes no espólio do poço-cisterna de Silves (Gomes e Gomes, 1991, 468), ou em níveis dos finais do século XV e da primeira metade do século XVI, do Funchal (Gomes e Gomes, 1989a, 34, 35) ou de Alcácer Ceguer, praça-forte ocupada pelos Portugueses entre 1458 e 1550 (Boone, 1984, 78, 80), tendo atingido, levadas por aventureiros, comerciantes e colonos, portugueses e espanhóis, ambas costas de África, o Oriente e a América (Gomes e Gomes, 1991, 465). Por certo existiram diferentes centros que produziam tal tipo de loiça, designadamente na zona de Lisboa e Barreiro, sabendo-se, também, que foram fabricadas em Sevilha, no bairro oleiro de Triana, pelo menos a partir da segunda metade do século XV (Carredano e Jiménez, 1993, 292, 323, n°192).

A tigela esmaltada, de cor verde, faz parte de uma produção menos conhecida entre nós, podendo ter sido importada da Andaluzia, designadamente de Sevilha, onde se fabricavam outras peças com aquele mesmo esmalte (alguidares, talhas, pias baptismais, etc...).

As tigelas e as escudelas, como os pratos de pequeno formato, denotam individualização na maneira de comer e alterações nos próprios hábitos alimentares, em relação ao período islâmico. Tais mudanças podem, ainda, reflectir medidas preventivas e cuidados de carácter higiénico, motivadas pelas pestes que assolaram o século XV.

Os tachos são de dois tipos, uns de pequenas dimensões e outros maiores, ou caçoulas, com paredes altas e carena junto ao pequeno bordo reentrante. Esta forma parece resultar da evolução de cerâmicas almoadas, que terão pervivido até à segunda metade do século XIII e passado ao século XIV, conforme mostram exemplares de bordo bífido. Um deles, da segunda metade do século XIII é procedente de Silves (Salão Paroquial), conhecendo-se outros, da travessa da Portuguesa, em Setúbal, bem datados no século XIV. Estão preparados para receber uma tampa, com encaixe de tipo hermético. Contudo, esta forma, muito difundida no Sul de Portugal durante os séculos XIV e XV, quase cairá em desuso na centúria seguinte, onde ocorrem tachos ou caçoilas de formas mais abertas e mais baixas, com ambas superfícies vidradas ou, mais comumente, apenas com a superfície interna vidrada (Gomes e Gomes, 1991, 461, 466, fig.10).

Em Almada, na travessa do Castelo, foi exumado um fragmento de caçoula com bordo muito semelhante ao de uma das peças agora publicadas de Silves, embora destituído de contexto arqueológico (Sabrosa e Espírito Santo, 1992, 10, 12, fig.38) e na rua Henriques Nogueira outros fragmentos congêneres puderam ser datados nos inícios do século XV (Sabrosa e Santos, 1993, 116, 117).

Também do Casal do Geraldo (Estoril, Cascais), um assentamento rural habitado desde os finais de século XIV até ao século XVI, foi recolhido, à superfície do terreno, um fragmento de tacho, com forma idêntica (Cardoso e Encarnação, 1990, 55, 59, est. VIII-34). A mesma cronologia foi atribuída a um outro fragmento, pertencente a exemplar provido de asas, encontrado na rua do Poço Novo, em Cascais (Cardoso e Rodrigues, 1991, 579, est. 446).

As panelas, totalizando 36,36% do espólio cerâmico exumado, ou seja a forma mais comum a que se seguem as tigelas e as taças com 15,91%, oferecem acentuado polimorfismo no que concerne ao bordo. Uma peça, completa, exibia característica forma globular, com fundo convexo, duas asas opostas, agarradas ao corpo, e bordo alto, vertical, com caneluras, provido de lábio com secção semicircular. Outros cinco elementos tinham o mesmo tipo de bordo, podendo derivar de formas islâmicas dos séculos XII e XIII, hipótese que a existência, em alguns, de caneluras no corpo parece comprovar.

Uma segunda forma de panela, que persistiu até tempos mais recentes, oferece bordo baixo, bem espessado e, em geral, biselado.

Por fim, algumas panelas mostraram forma mais simples, com bordo apenas ligeiramente espessado, sendo o lábio de secção semicircular e extrovertido.

A primeira forma referida encontra possíveis protótipos nos contextos islâmicos peninsulares dos séculos XI e XII (Bazzana, 1986; 1986a), conhecendo-se exemplares afins em níveis do século XIV, da travessa da Portuguesa, em Setúbal, e em Cascais, na rua do Poço Novo, onde não foi possível conferir cronologia segura, embora situada entre os séculos XIII e XV (Cardoso e Rodrigues, 1991, 575, 581). Uma peça similar, embora com o lábio extrovertido, procede da camada 1 da alcáçova de Silves, ulterior ao período almoada e ali podendo ser classificada nos séculos XIV-XV (Gomes, 1988, 82, 83). Uma outra panela congênere, embora com as asas arrancando do bordo, provém de alcáçova de Alenquer, e foi atribuída ao século XIV (Matos, 1971, 574, est.I).

Também os já referidos silos da rua Henriques Nogueira, em Almada, do século XV, ofereceram fragmentos de panelas similares, com o bordo vertical canelado, ou de bordo apenas espessado, anguloso ou em bisel, conforme, de igual modo, recolhemos na fossa da casa medieval de Silves (Sabrosa e Santos, 1993, 116, 117).

A forma que temos vindo a referir perdura, com alterações, até, pelo menos, ao século XVI, momento em que são mais comuns as asas arrancando do bordo e as superfícies interiores vidradas, conforme demonstram exemplares do poço-cisterna de Silves (Gomes e Gomes, 1991, 461, 466, fig. 10).

As panelas conservando o bordo alto ou com bordo baixo, mas, por vezes, com uma só asa, podem derivar da forma anterior, parecendo mais frequentes em contextos dos finais do século XV e durante os séculos XVI e XVII. Estão bem representadas (panelas de sumichas) nos espólios provindos das abóbadas dos conventos de S. Domingos em Montemor-o-Novo e de S. Francisco em Évora (Ribeiro, 1984, 47-50) ou de Santa Maria, em Beja (Mestre, 1991, 572), datadas respectivamente, do século XVI e dos finais do século XV. Contudo, dadas as pequenas dimensões dos fragmentos que possuímos torna-se, por vezes, difícil distinguir se eles terão pertencido a panelas ou a atanores.

Para além dos já mencionados paralelos com exemplares de Almada (rua Henriques Nogueira), formas afins estão presentes na colecção provinda do castelo de Alenquer (Matos, 1971, est.1), dos silos do Palácio Nacional de Sintra, dos finais do século XIV e inícios do século XV (Amaro, 1992, 115, 122), do Casal do Geraldo, em Cascais, onde são atribuídas aos finais do século XV (Cardoso e Encarnação, 1990, 54) e dos níveis do século XIV da travessa da Portuguesa, em Setúbal.

As tampas ou testos, encontradas em Silves com o conjunto de cerâmicas que temos vindo a tratar, terão coberto, dadas as suas dimensões, algumas das panelas ali presentes. Trata-se de forma muito recorrente, que pode remontar até ao período omíada (século VIII), conforme documentam exemplares exumados tanto na alcáçova de Silves como em outras áreas do tecido urbano daquela cidade (Gomes, 1988, 187). Tais artefactos, com pequenas modificações formais, atingem, como se sabe os nossos dias.

O pequeno pote e o ferrado, são dois outros recipientes utilizados na cozinha, o segundo, também denominado tarro, era, sobretudo, usado para receber o leite quando das ordenhas. Foram recolhidos ferrados nas abóbadas do convento de S. Domingos, em Montemor-o-Novo (Ribeiro, 1984, 60, 61).

Ao apetrechamento da cozinha terão, ainda, pertencido as infusas ou cantarinhas, para servirem água ou vinho à mesa e para levar para o campo, os cântaros, utilizados no transporte e armazenamento daqueles líquidos (cântaro talheiro) e, também, a pequena talha que ali, ou na despensa, guardaria alimentos.

Três das quatro infusas descobertas, as de menor tamanho, oferecem formas semelhantes entre si, tendo a maior destas o bordo destacado e a asa sobrelevada, tal como acontece em exemplares provenientes da abóbada da galilé da igreja de Santa Maria em Beja, ainda dos finais do século XV e atribuídos às olarias daquela cidade (Mestre, 1991, 571). Todavia, tal forma parece estar presente, apesar de apenas dispormos de um fragmento contendo porção do bordo, na travessa da Portuguesa, em Setúbal, como na alcáçova de Alenquer (Matos, 1971, 575, est.1), integrando em ambos arqueossítios níveis do século XIV. Ela encontrava-se muito difundida no Alto-Alentejo onde é conhecida, em termos arqueológicos, desde os finais do século passado, a partir dos exemplares provenientes das ruínas do convento de S. Francisco, em Évora (Manoel, 1896) ou descobertos, mais recentemente, nas abóbadas do convento de S. Domingos, em Montemor-o-Novo (1559) (Ribeiro, 1984), ambas construções já do século XVI. É provável que tais produções, de cerâmica comum e origem islâmica, fossem provenientes das oficinas que sabemos terem então existido naqueles dois importantes aglomerados urbanos (Moniz, 1976; Monte, 1984). As peças de Alenquer poderão ter sido, de igual modo, produzidas localmente, a atendermos na grande



quantidade de trempes ou cavaletes, utilizados nos fornos de olaria e que com elas foram exumados (Matos, 1971, 575, 576, est.IV). Do já mencionado silo 3 da rua Henriques Nogueira, provém parte de uma infusa, com incisão demarcando o colo, conforme acontece em dois dos exemplares de Silves (Sabrosa e Santos, 1993, 116, 119).

Uma infusa semelhante, às que temos vindo a mencionar, está representada na “Morte da Virgem”, pintada de parceria por Garcia Fernandes e Cristóvão de Figueiredo, no segundo quartel do século XVI, hoje no Museu Grão Vasco em Viseu (Santos, 1960, est.20).

Duas das outras infusas, as de menor tamanho, são vidradas, sendo uma delas fabricada com pasta clara, bem depurada e o vidrado de cor verde azeitona. Não conhecemos paralelos nacionais para esta produção que pode, dada a utilização de barros de cor clara ser algarvia ou andaluza, tal como a pequena talha, também descrita, e o cântaro “talheiro”, montados com pastas congêneres.

As duas infusas menores encontram paralelos, datados entre meados e finais do século XV, em exemplares provenientes da Cartuja de Sevilha, produzidos naquela cidade (Carredano e Jiménez, 1993, 291, 321, n.os 159, 161).

A infusa maior, com lábio em bisel, aproxima-se da forma das achadas nos conventos de S. Francisco, de Évora, e de S. Domingos, de Montemor-o-Novo.

Os dois cântaros, de barro vermelho, assemelham-se aos recuperados na galilé da igreja de Santa Maria de Beja, tanto no seu aspecto geral como no desenho e posição da asa, embora mantenham diferenças no que concerne à forma interior do bordo (Mestre, 1991, 571). Este, espessado e em bisel, é idêntico ao de um cântaro, fabricado com pasta clara, encontrado em nível almoada de Silves.

O cântaro “talheiro”, a atender na denominação empregue no “*Título dos Oleiros*” das “*Posturas de Évora*”, de 1375-1382 (Moniz, 1976, 165, 169) e a talha ou pote, fabricados com pastas claras, não possuem, por ora, paralelos, embora aquele segundo recipiente ofereça similitudes com outros cujos fragmentos exumámos no poço-cisterna da mesma cidade onde podem ser atribuídos aos séculos XV e XVI. Como acima referimos, poder-se-á tratar de produções locais ou regionais, como as que ainda hoje pervivem em Loulé, Moncarapacho e em outros pontos do Algarve.

Julgamos que o fragmento pertencente a um candeeiro, de dependurar, é o primeiro identificado no Sul de Portugal. No entanto, conhecem-se alguns exemplares em Espanha e, sobretudo, de candelabros, designadamente nas produções valencianas do século XIII ao XVI (Mesquida, 1990), tendo um deles sido exumado na alcáçova de Almería e atribuído à segunda metade do século XV (Bedmar *et alli*, 1991, 232, 243).

No já aludido “*Título dos Oleiros*” do “*Regimento da Cidade de Évora*”, de cerca de 1392, encontra-se referência a candeeiros, embora se desconheça qual a forma dos mesmos. Todavia, o preço daqueles, igual ao dos testos, conduz a pensarmos tratar-se de pequenas lamparinas, por certo semelhantes às duas cujos fragmentos agora publicamos (Moniz, 1976, 157, 165). Constituíram objectos indispensáveis, cuja forma surge, pelo menos, nos séculos XII-XIII e atinge o século XVI.

Foram claramente importadas tanto a pequena redoma, esmaltada de cor azul turquesa, como o jarro, para vinho, com as superfícies exteriores esmaltadas de cor branca e decoradas com motivos fitomórficos e geométricos, de cor azul de cobalto e de reflexo metálico dourado.

A primeira peça acima mencionada encontra paralelos no espólio proveniente de Castillo de la Torre Grossa (Gijona) e de Alenquer. A primeira é uma redoma, esmaltada de cor verde e melada, com bordo trilobulado e asa que o liga a um ponto do volume mesial do corpo, tal como aconteceria no exemplar de Silves, tendo sido atribuída aos finais do século XIII ou aos inícios do século seguinte e, portanto, de produção muçulmana (Azuar, 1989, 261). Dada a ausência de informação

arqueológica segura, é possível que se trate de produção algo mais tardia, cuja forma terá pervivido até ao século XV. As redomas de Alenquer, com apenas 0.120m a 0.161m de altura, não são vidradas ou esmaltadas, mostram gargalo alto, teriam bordo trilobulado e uma asa unindo-o a um ponto do volume médio do corpo (Matos, 1971, 575, est.II). A redoma de Silves, dado não encontrarmos outros paralelos esmaltados em Portugal, pode ter sido importada da região valenciana ou da Andaluzia. Não esqueçamos que as redomas são mencionadas tanto no inventário, de 1507, da botica da D. Beatriz, mãe de D. Manuel I, como no lote daquelas peças que a mesma infanta doou ao mosteiro da Conceição de Beja, constando na primeira relação como “*arredomas embarçadas*” e, na segunda, sob a denominação de “*arredomas embarçadas com oleos*” ou “*arredomas pequenas de d'emxarope davenca*” (Carvalho, 1921, 118, 121). As «arredomas» são, ainda, referidas no “*Regimento dos Oleiros*” de Lisboa, de 1572 (Correia, 1926, 144).

O grande jarro de mesa, claramente exógeno, apresentava exuberante decoração esmaltada, que desde logo nos indica ter sido de aquisição dispendiosa e, portanto, um verdadeiro artefacto de prestígio social. Tanto a forma como a decoração permitem atribuí-lo às oficinas valencianas, integrando-se na forma A, da sistematização de María del Carme Riu (1989, 462, 463), dos jarros de Paterna. Aquela oferece, no século XIV, corpo globular e bordo alto, enquanto na centúria seguinte se estiliza, mostrando o corpo menor dimensão em proporção ao bordo, que se torna exageradamente alto, tal como quase acontece no exemplar de Silves.

O almofariz constitui, por certo, uma das peças fundamentais da baixela de cozinha tardo-medieval, sobretudo do Sul de Portugal, onde se fazia sentir o gosto por diferentes condimentos, ali triturados e misturados. A sua grande utilização ficou bem patente no rompimento do fundo, tornando-o inútil. A qualidade do mármore, muito branco e de grão fino, em que foi esculpido, possibilita que atribuamos a sua origem à região de Estremoz, onde terão funcionado oficinas dedicadas à fabricação de tais acessórios, utilizados tanto nas cozinhas, como nas farmácias ou em pequenas indústrias.

A única peça do equipamento pessoal da época, oferecida pelo contexto agora estudado, o punhal de discos, é possivelmente de origem inglesa. Trata-se de arma, de uso civil ou militar, que também poderia ser aproveitada em tarefas culinárias. A forma da sua empunhadura é exclusiva de meados do século XV. Todavia, guardas semelhantes, em disco e perpendiculares à lâmina, surgiram na segunda metade do século XIV e perduraram até ao século XVI. Outros atributos, como a lâmina de um só gume, as guardas metálicas circulares, intercalando com outros elementos com a mesma forma mas de material perecível, e a empunhadura de forma trapezoidal alongada, com rebites, permitem conferir-lhe aquela cronologia, dado os paralelos que encontra com armas congéneres descobertas, nomeadamente em Londres (Perkins, 1993, 42-47).

Por fim, os dois numismas ajudam a confirmar a datação, em torno de meados do século XV, do conjunto de materiais agora dado a conhecer.

## 4. Restos de fauna

### 4.1. Classe *Mammalia* L., 1758

O material ósseo recolhido, correspondente a espécies mamalógicas, pôde ser subdividido nos seguintes táxones:

#### 4.1.1. Ordem Artiodactyla Owen, 1848

##### 4.1.1.1. Família Suidae Gray, 1821

Espécie *Sus scrofa/Sus domesticus* L., 1758

Pré-maxilar esquerdo. Porção pertencente a indivíduo juvenil, com alvéolos de Id/2, Id/3, C/d, D/1 e D/2.

- I/3 direito, com desgaste forte.
- I/2 direito, com desgaste fraco.
- C/direito, de indivíduo masculino, com desgaste fraco.
- C/esquerdo, de indivíduo feminino, com desgaste quase nulo.
- P/4 esquerdo, incompleto no lobo distal, com desgaste forte.
- M/2 esquerdo, com desgaste quase nulo.
- M/3 direito. Porção distal conservando o terceiro lobo, mas sem vestígios de talão.
- Mandíbula esquerda. Porção anterior com alvéolos de I1, I2, I3 e C.
- Mandíbula direita. Porção anterior com alvéolos de P/1, P/2, P/3 e parte de P/4. Mostra marcas de serragem oblíqua no bordo posterior, interrompendo o alvéolo do último pré-molar.
- Hemimandíbula direita. Porção contendo M/2 com desgaste médio e M/3 com desgaste incipiente, ainda parcialmente conservado na cripta. A ausência de talão no M/3 afasta a hipótese de javali (*Sus scrofa*).
- Costela. Fragmento.
- Pélvis. Porção conservando parte da cavidade articular com o fémur.
- Cúbito. Porção da diáfise, com importante marca de corte na face lateral.
- Tíbia direita. Porção da diáfise (face anterior proximal) fracturada, longitudinalmente (esquírola), e com marcas de corte na superfície da fractura previamente efectuada.
- Tíbia direita. Porção de diáfise (face mesial e posterior proximal), fracturada longitudinalmente (esquírola), com marcas de corte na face posterior.
- Quarto metatársico esquerdo, do qual se conserva a metade proximal.
- Quinto metatársico direito, com a extremidade articular distal em falta (indivíduo juvenil).
- Quinto metatársico direito, com a extremidade distal em falta, de recém-nascido.
- Quinto metatársico esquerdo, com a extremidade articular distal em falta (indivíduo juvenil). Apresenta marcas de corte dos lados proximal e distal.

##### 4.1.1.2. Família Cervidae Gray, 1821

Espécie *Cervus elaphus/Dama dama* L., 1758

- Dois fragmentos de armação, um deles correspondente a extremidade de galho.
- Molar inferior. Porção labial do segundo lobo, com desgaste fraco.

##### 4.1.1.3. Família Bovidae Gray, 1821

Espécie *Bos taurus* L., 1758

- P/3 direito, com desgaste médio.
- P/4 direito, com desgaste forte.
- M/1-2, com desgaste fraco.
- Axis. Fragmento com marcas de roidela.

• Duas apófises vertebrais. Uma mostra abundantes marcas de corte, muito finas e oblíquas. A outra tem marcas idênticas, mais raras.

- Costelas. Três fragmentos. Uma foi seccionada obliquamente por corte.
- Omoplata direita. Fragmento contendo o volume articular.
- Cúbito esquerdo. Fragmento contendo a extremidade superior.
- Cúbito direito. Porção de diáfise, com importante marca de corte na face lateral.
- Rádio direito. Porção de diáfise com vestígios de serragem do lado postero-lateral.
- Rádio direito. Porção de diáfise (esquírola), com parte do cúbito soldado.
- Rádio esquerdo. Fragmento com a articulação distal.
- Fémur esquerdo. Côndilo lateral.
- Cuboscafoide direito. Fragmento (porção mesial), com marcas de corte no bordo mesial.
- Metacárpico esquerdo. Porção contendo a diáfise, de indivíduo juvenil, com falta de ambas epífises.

• Metatársico esquerdo. Porção da diáfise (esquírola), com marcas de corte.

• Primeiras falanges. Duas, uma delas encontrando-se partida obliquamente pela diáfise. Possui marcas de corte do lado proximal. A outra mostra marcas de rodelas (roedor).

- Segundas falanges. Duas, de lados opostos. Uma delas mostra marcas de rodelas.
- Terceira falange.

#### *Capra hircus / Ovis aries* L., 1758

- Dois ossicones. Fragmentos pertencentes a dois indivíduos.
- Maxilar direito. Fragmento com P/2, P/3 e P/4, mostrando desgaste fraco.
- Maxilar direito. Fragmento com P/2, P/3 e P/4, mostrando desgaste fraco.
- Maxilar direito. Fragmento com P/3, P/4 e M/1, mostrando desgaste médio.
- Hemimandíbula esquerda. Fragmento, com alvéolo de P/2, P/3 com desgaste forte, alvéolo de P/4 e M/1, com desgaste fraco.
- Hemimandíbula esquerda. Fragmento contendo M/2, com desgaste médio, e M/3, com desgaste fraco.
- Hemimandíbula esquerda. Fragmento conservando os alvéolos de D/2 e D/3, D/4 com desgaste médio, e porção da cripta de M/1.
- Hemimandíbula esquerda. Fragmento correspondente à extremidade do ramo ascendente, conservando o côndilo articular e a apófise coronóideia.
- Hemimandíbula direita. Fragmento conservando os alvéolos de D/2 e D/3, D/4 com desgaste nulo, e cripta de M/1.
- Hemimandíbula direita. Fragmento, correspondente à extremidade do ramo ascendente, de subadulto (superfície articular do côndilo em falta).
- Hemimandíbula direita. Côndilo.
- P\2 direito, com desgaste fraco.
- Dois P\2 direitos, com desgaste médio.
- P\3 direito, com desgaste forte.
- P\4 direito, com desgaste médio.
- M\1 direito, com desgaste fraco.
- Três M\1 direitos, com desgaste médio.
- Três M\1 esquerdos, com desgaste médio.

- Quatro M\1 direitos, com desgaste forte.
- Três M\2 direitos, com desgaste médio.
- Dois M\2 direitos, com desgaste fraco.
- M\2 esquerdo, com desgaste médio.
- Dois M\2 esquerdos, com desgaste fraco.
- Bordo distal de M\3 esquerdo, com desgaste médio.
- M\3 esquerdo, com desgaste quase nulo.
- Muralha externa de M\3 direito, com desgaste nulo.
- I1 esquerdo, com desgaste forte.
- I1 esquerdo, com desgaste fraco.
- I2 esquerdo, com desgaste quase nulo;
- P/4 esquerdo com desgaste médio.
- M/1 direito com desgaste forte, incompleto nos bordos mesial e distal.
- M/2 esquerdo com desgaste fraco.
- Axis. Fragmento conservando a superfície articular com o atlas.
- Corpo vertebral de indivíduo subadulto.
- Apófise vertebral.
- Costelas. Seis fragmentos.
- Omoplata direita. Fragmento conservando parte da superfície da articulação com o húmero.
- Omoplatas direitas. Dois fragmentos, um deles correspondendo a porção da superfície articular com o húmero.
- Omoplata direita. De pequenas dimensões, pertencente a indivíduo juvenil, com falta da superfície articular com o húmero.
- Húmero direito. Fragmento conservando parte da diáfise e a articulação distal.
- Húmero esquerdo. Fragmento distal.
- Húmero esquerdo. Fragmento reduzido à articulação distal.
- Húmero direito. Porção distal da diáfise, com falta da articulação, por ter sido roída.
- Húmero esquerdo. Fragmento distal da diáfise, com falta da articulação.
- Húmero direito. Porção anterior distal da diáfise, com falta da articulação.
- Dois húmeros. Fragmentos (esquírolas) de diáfises, de lados indeterminados.
- Cúbito direito. Fragmento conservando a articulação com o húmero e o processo coronóide, com epífise em falta (indivíduo subadulto).
- Cúbito direito. Fragmento conservando parte da superfície articular com o húmero.
- Rádio esquerdo. Metade superior.
- Rádio esquerdo. Extremidade superior.
- Rádio direito. Metade superior conservando parte da superfície articular proximal, com marca de roidela, e da diáfise.
- Rádio esquerdo. Porção da diáfise, com marcas de corte para seccionamento transversal do osso.
- Rádio esquerdo, Porção da diáfise com marcas de corte, em ambas extremidades, para seccionamento transversal do osso.
- Rádio esquerdo. Metade inferior da diáfise, com vestígios de roidela na extremidade distal.
- Rádio esquerdo. Metade inferior da diáfise, com falta da epífise (indivíduo juvenil). Notam-se as marcas de corte na extremidade proximal da diáfise, com o objectivo de a seccionar transversalmente e marcas de roidela na extremidade distal, talvez responsáveis pela destruição da superfície articular respectiva.

- Rádio direito. Metade inferior da diáfise, com falta da epífise (indivíduo juvenil).
- Rádio direito. Extremidade articular distal.
- Metacárpico direito. Fragmento (esquírola), correspondendo a porção da face mesial da diáfise e da superfície articular proximal.
- Duas cabeças de fêmur, uma direita e a outra esquerda, de indivíduos juvenis.
- Fêmur direito. Fragmento contendo a epífise distal, de indivíduo juvenil.
- Tíbia direita. Porção superior, com marcas de roidela na superfície articular.
- Tíbia esquerda. Metade inferior, conservando apenas o bordo lateral da superfície articular distal. Possui marcas de corte nesta extremidade.
- Tíbias. Seis porções de diáfises, a maior parte de lados indeterminados. Uma exhibe importantes marcas de corte, conducentes ao seccionamento transversal em ambas extremidades. Duas outras, uma pertencente a indivíduo juvenil, apresentam-se roídas em uma das extremidades.
- Tíbia esquerda. Epífise articular distal, de indivíduo juvenil.
- Astrágalos direitos. Dois, um deles com vestígios de roidela nos bordos das trócleas superiores, da articulação com a tíbia (dentes de roedor).
- Astrágalos esquerdos. Dois, um deles pertencente a indivíduo juvenil.
- Astrágalo esquerdo. Porção superior, conservando os bordos das trócleas da articulação com a tíbia. Nota-se seccionamento por corte.
- Calcâneo esquerdo.
- Calcâneo direito. Epífise, de indivíduo juvenil.
- Cuboscafóide direito.
- Metatársico esquerdo. Porção superior conservando a articulação proximal.
- Metatársico direito. Porção da diáfise com marcas de corte no bordo lateral, tendo em vista o seu seccionamento transversal.
- Metatársico direito. Fragmento da tábua anterior da diáfise (esquírola), conservando parte da superfície articular proximal.
- Metatársico esquerdo. Fragmento da tábua anterior (esquírola), conservando parte da superfície articular proximal.
- Metatársico esquerdo, mutilado na extremidade articular proximal e com a oposta em falta. Notam-se marcas de roidela, com remoção de material ósseo, no bordo mesial da parte central da diáfise, e marcas de corte junto da extremidade proximal.
- Metatársico direito. Porção inferior de indivíduo juvenil, com a epífise distal em falta.
- Metatársico direito. Porção de diáfise com marcas de corte na face lateral, com vista ao seccionamento transversal do osso.
- Metatársico esquerdo. Fragmento, conservando parte da diáfise e a extremidade proximal.
- Metatársico esquerdo. Fragmento, correspondendo à extremidade articular distal.
- Primeiras falanges. Seis, das quais duas completas, três com falta da superfície articular proximal (uma das quais correspondendo a indivíduo subadulto), conservando a restante apenas a extremidade articular distal.
- Segunda falange, com parte da superfície articular proximal em falta. Notam-se vestígios de ter sido roída.

#### 4.1.2. Ordem Perissodactyla Owen, 1848

##### 4.1.2.1. Família Equidae Gray, 1821

Especie *Equus caballus* L., 1758

- Terceira falange, incompleta no bordo posterior; pertencente a indivíduo de porte modesto ou, ao menos, de cascos estreitos.

#### 4.1.3. Ordem Carnívora Bowdich, 1821

##### 4.1.3.1. Família Felidae Gray, 1821

Espécie *Felis catus* L., 1758

- Hemimandíbula direita. Porção com alvéolo, parcialmente conservado, de C, e alvéolos de P/3 e de P/4. M/1 mostrando desgaste médio;
- Quarto metatársico esquerdo.

#### 4.1.4. Ordem Lagomorpha Brandt, 1855

##### 4.1.4.1. Família Leporidae Gray, 1821

Espécie *Oryctolagus cuniculus* (L.) 1758

- Hemimandíbula direita. Parte posterior.
- Três hemimandíbulas. Porções anteriores, sendo uma direita e duas esquerdas.
- Três vértebras, das quais uma de indivíduo subadulto.
- Quatro vértebras soldadas, da zona dorsal.
- Quatro pélvis, dos quais dois esquerdos e dois direitos.
- Duas omoplatas direitas.
- Húmero direito. Metade superior.
- Três húmeros. Porções correspondendo às metades inferiores, das quais duas esquerdas e uma direita.
- Quatro cúbitos esquerdos. Porções superiores.
- Fémur esquerdo. Porção superior.
- Duas tíbias direitas. Incompletas na parte inferior, uma das quais de subadulto.
- Duas tíbias direitas. Fragmentos correspondentes às extremidades inferiores, conservando a articulação distal;
- Segunda falange.

Ossos queimados

Reconheceram-se os seguintes ossos queimados: quatro fragmentos (esquírolas), dos quais um fragmento de costela e outro de primeira falange de *Capra ou Ovis*.



Fig.16 - Restos de fauna mamalógica (RV/96-26).

#### 4.2. Fauna ictiológica e avifauna

Observaram-se as seguintes peças: Catorze pertencentes a peixes indeterminados e catorze pertencentes a aves indeterminadas.

#### 4.3. Classe *Bivalvia*

Família Ostreidae, *Ostrea edulis* L. Cinco fragmentos.

Família Mytilidae, *Mytilus* sp. Um fragmento.

Família Pectinidae, *Pecten maximus* (L.) . Um fragmento.

Família Veneridae, *Venerupis decussatus*. Seis fragmentos.

#### 4.4. Discussão

##### 4.4.1. Ao nível paleozoológico

• *Cervus elaphus/Dama dama*. A diferenciação é problemática, na falta de armações completas, único elemento tradicionalmente seguro na diagnose a nível específico. Em trabalhos anteriores (Cardoso, 1989; 1993) valorizam-se os elementos odontométricos, muito insuficientes no presente caso. A indefinição é, pois, justificada pela escassez do material disponível.



A inventariação do material osteológico pode sumarizar-se no seguinte quadro:

	<i>Sus scrofa/ Sus domesticus</i>	<i>Cervus elaphus/ Dama dama</i>	<i>Bos taurus</i>	<i>Capra/Ovis</i>	<i>Equus caballus</i>	<i>Felis catus</i>	<i>Oryctolagus cuniculus</i>	total	%
galho		2						2	0,95
ossicone				2				2	0,95
crânio/maxilar	1			3				4	1,91
mandíbula	3			7		1	4	15	7,14
dente	9	1	3	46				59	28,10
vértebra				3	3		7	13	6,19
costela	1		3	6				10	4,76
omoplata				1	4		2	7	3,33
ilíaco/púbico	1						4	5	2,38
sacro									0,00
húmero				8			4	12	5,72
cúbito	1		2	2			4	9	4,29
rádio			3	9				12	5,72
carpo								5	0,00
metacárpico			1	1				2	0,95
falange			5	7	1		1	14	6,67
fémur			1	3			1	5	2,38
tíbia	2			9			4	15	7,14
cuboscafóide/astrágalo			1	6				7	3,33
tarso									0,00
metatársico	4		1	9		1		15	7,14
calcâneo				2				2	0,95
total	22	3	24	127	1	2	31	210	100,00
%	10,48	1,43	11,43	60,47	0,48	0,95	14,76	100,00	

Quadro II — Restos anatómicos identificados (NTR)

• *Capra hircus/Ovis aries*. É também tradicional a dificuldade de separação dos dois táxones em apreço. No caso presente, optou-se pela não diferenciação, dificultada pela ausência de materiais que a possibilitassem de forma mais imediata, por exemplo as séries jugais inferiores. O significado de ambos táxones, em termos de bases de subsistência é, aliás, idêntico.

• *Sus scrofa/Sus domesticus*. Outra separação que é usualmente difícil. A maior robustez e tamanho das peças ósseas, permite, porém, a destriça, na maioria dos exemplares. O mesmo é válido para as séries dentárias. Neste caso podem, ainda, ter interesse observações de carácter morfológico. É o caso do M/3 registado, cuja redução do diâmetro méso-distal e a simplificação do talão indica animal doméstico, *Sus domesticus*. Os restantes escassos exemplares foram também incluídos neste táxone, embora o seu grau de conservação não permita, na maioria deles, excluir o javali.

• *Equus caballus*. Uma terceira falange constitui todo o material disponível. É de tamanho e morfologia compatíveis às homólogas plistocénicas, de diversas jazidas portuguesas, excluindo asinino, de menor porte. O contexto em que foi recolhida afasta, até pelas dimensões da própria fossa de acumulação de detritos, a hipótese de enterramento de um animal completo, devendo, assim, corresponder a indivíduo aproveitado, secundariamente, na alimentação.

• *Felis catus*. Comprovou-se o gato doméstico, cujos escassos restos sugerem indivíduo enterrado ou simplesmente atirado para a fossa.

• *Oryctolagus cuniculus*. O tamanho é compatível com coelho bravo de diversas jazidas plistocénicas. Porém, atendendo ao carácter quase exclusivamente doméstico desta associação, é mais crível que tais restos não fujam a esta regra.

#### 4.4.2. Ao nível paleoecológico

Uma associação fortemente marcada pelo Homem, como a estudada, só muito indirectamente é susceptível de fornecer indicações de índole paleoecológica. Nada indica, porém, condições diferentes das actuais, mesmo considerando a presença vestigial do veado, hoje extinto na região, pela pressão antrópica.

#### 4.4.3. Ao nível económico e social

A base de subsistência dos habitantes desta casa de Silves que, no século XV, produziram os restos de alimentação agora estudados, é dominada pelas espécies domésticas; dentre estas, assumem relevo o conjunto dos ovicaprinos. Porém, se considerarmos o facto de um bovino, mesmo de raça não melhorada como, por exemplo, a mertolenga, talvez pouco diferente em corpulência da representada em Silves, ser equivalente a sete ovinos ou nove caprinos (Antunes, 1991), concluiremos que o gado bovino ocupava o papel mais importante na alimentação, partindo do princípio, já demonstrado, de que o número total de restos (NTR) é proporcional ao número real de indivíduos (Delpech, 1973). Seguem-se em termos de importância, os ovicaprinos e, depois, os suínos. A dieta alimentar seria complementada, ao nível da carne, pelo coelho e, esporadicamente, pelo cavalo e veado.

As aves (de capoeira ?), o pescado e os mariscos, recolhidos na estuário ou no litoral adjacente, teriam papel complementar, muito secundário, na alimentação, sendo a caça vestigial. Ao nível da recollecção de moluscos, é interessante notar a exploração de biótopos diferentes, desde os fundos vasosos do estuário, com ostra, até trechos rochosos do litoral, com mexilhão, passando pelas praias arenosas, estuarinas, com amêijoas.

Os ossos – especialmente de oviceprinos – ostentam abundantes marcas de corte, produzidas por pequeno cutelo, destinadas ao seu seccionamento transversal, sendo reveladoras da intencionalidade de se obterem pequenos nacos de carne. Este facto, associado à extrema raridade de ossos com marcas de fogo, faz crer que os cozidos e ensopados constituíam uma das soluções culinárias mais comuns e apreciadas, em detrimento dos churrascos.

Alguns ossos mostram marcas de terem sido roídos por carnívoros de porte médio – evidenciam-se os traços deixados pelos caninos – certamente o cão. Outros, mais raros, mostram marcas dos incisivos de roedor (rato ou ratazana), o que constitui, tal como para o cão, prova indirecta da sua presença, aliás natural neste ambiente urbano.

Podemos, pois, entrever neste conjunto faunístico um agregado familiar relativamente desafogado, em termos económicos, com uma alimentação rica em proteínas, com base em animais domésticos, cujos restos eram acumulados em zona anexa à habitação.

No contexto agora estudado, já não se faziam sentir as influências islâmicas, documentadas na própria cidade de Silves (Antunes, 1991), quanto à interdição do consumo de carne do “animal imundo” – o porco – facto que é reforçado pelo nome português do presumível proprietário da casa a que pertencia a lixeira.

## 5. Conclusões

O espólio procedente da lixeira da casa tardo-medieval de Silves, que foi, em 1474, de Afonso Vicente Leboreiro, permite as seguintes considerações, capazes de contribuir para o conhecimento da vida quotidiana naquele período.

1. Trata-se sobretudo de restos de cozinha, tanto procedentes de alimentos então consumidos, como de peças utilitárias quebradas e, dado esse estado, postas fora de uso. Tais restos foram proposadamente enterrados, por certo devidos a motivos de ordem higiénica. Estas constatações são corroboradas pelo facto do espólio exumado integrar, quase na totalidade, dois grandes grupos: o das cerâmicas e o osteológico.

2. O conjunto de cerâmicas recuperado é essencialmente constituído por produções comuns, locais ou regionais, mostrando na sua maioria peças de ir ao lume, como as panelas que totalizam 36,36%, por serem certamente mais usadas e numerosas nos trens de cozinha da época, reflectindo característicos hábitos alimentares como os cozidos e os ensopados, mas também por serem dos utensílios mais frágeis.

Além das panelas, estão presentes as caçoulas ou tachos, as tigelas, as infusas, os cântaros, um pote, um ferrado e uma talha. Todavia, nota-se a ausência dos alguidares, de diferentes dimensões, e quase a dos púcaros. E se os primeiros recipientes são em geral resistentes, o que poderia ter influenciado o registo arqueológico, já o mesmo não se pode dizer dos últimos,

cuja falta poderá estar relacionada com a sua substituição, em termos funcionais, pelas tigelas ou escudelas.

As pequenas lamparinas, e o candeeiro para dependurar, são peças indistintamente utilizadas em diferentes áreas funcionais da casa.

3. Um segundo núcleo de cerâmicas é formado pelas peças cuja decoração requintada, em alguns, poucos, casos, indica ter constituído, exclusivamente, loiça de mesa. Integram-no as escudelas, o grande prato, uma tigela e uma redoma esmaltada e o jarro igualmente esmaltado, mas com decoração de cor azul e dourada. Este foi importado da região valenciana ou andaluza, podendo ser classificado na classe dos objectos dispendiosos e sumptuários, capazes de conferir prestígio e demonstrar o estatuto social dos seus proprietários. Também a redoma deverá de ter sido importada daqueles mesmos centros oleiros, enquanto que a tigela, a não ser de produção nacional poderá ter provido da Andaluzia onde, em Sevilha se produziam peças com aquele tipo de acabamento, nomeadamente talhas e pias baptismais, de que se conhecem exemplares em Portugal.

4. Para além das características funcionais e decorativas das cerâmicas, acima mencionadas, verifica-se poderem fazer parte de dois acervos distintos. Um deles integra peças quebradas, mas em geral completas, algumas de grande formato, como acontece com cerca de 30% daquele espólio; o outro corresponde a recipientes que se encontram muito fragmentados e incompletos. Neste caso apenas foi possível fazer a reconstituição formal das peças através de fragmentos com porção de bordo.

Julgamos que uma explicação plausível para tais diferenças residirá, por um lado, em espólio acumulado durante um período longo, encontrando-se melhor conservadas as peças mais recentemente enterradas e, por outro lado, por ter havido um momento em que se soterrou a totalidade do núcleo de objectos chegado até nós em melhor estado.

A não ter havido significativos abalos sísmicos que tivessem afectado Silves durante o século XV, aquela acção poderá ter diferentes explicações, desde razões higiénicas, devidas a um dos muitos surtos de peste e de epidemias registadas naquela centúria, e de que é mais conhecida a ocorrida de 1464 a 1469, ou à simples renovação das baixelas de mesa e cozinha.

5. O almofariz é um outro importante apetrecho que, conforme verificámos, foi posto fora de uso dada a sua intensa utilização. Julgamos aceitável a sua provável origem norte-alentejana. O facto de ser uma peça de mármore, e não de madeira ou cerâmica, como era então mais usual, reforça a demonstração do poder económico do seu proprietário.

6. O punhal de discos, arma rara mesmo nos registos arqueológicos europeus, parece acompanhar não só o desafogo económico demonstrado pela presença do almofariz mas, sobretudo, das cerâmicas exógenas, de grande qualidade e alto preço, indicadores dos circuitos comerciais que então se praticaram à distância, tanto seguindo as rotas atlânticas como as mediterrânicas.

7. Apesar de não serem por ora conhecidos em Silves testemunhos arqueológicos de fornos ou das restantes instalações de olarias medievais, pensamos que a maioria das cerâmicas comuns agora dadas a conhecer, fabricada com pastas de cor vermelha, castanha ou acinzentada, e ainda algumas das peças vidradas, poderão ali ter sido produzidas. De facto, o "*Livro do Almojarifado*"

menciona, em meados do século XV, a existência de pelo menos três oleiros na cidade: Álvaro Gonçalves e Álvaro Afonso, moradores na rua Direita, e Murça, residente na mouraria, onde existia um “forno de cozer louça” pertencente a Gil Vaz, antigo almoxarife, e a Nuno Rodriguez (Leal e Domingues, 1984, 17, 26, 31, 33, 34).

Também na rua da Sapataria funcionaram, segundo a mesma fonte, três fornos (o “Grande de El-Rei”, o do “Corticinho” e o “da Rua”) que não sabemos se eram destinados a cozer pão ou loiça. Todavia, inclinamo-nos para a possibilidade de que fossem fornos para cerâmica, onde trabalhassem os dois oleiros cristãos mencionados, já que o muçulmano utilizaria, conforme indicámos, o “forno da mouraria”.

8. É possível que as cerâmicas fabricadas com barros de pastas claras, uma delas parcialmente vidrada de cor verde, tenham sido produzidas na região de Loulé. Aquelas oficinas, com origens muçulmanas ou, mesmo, romanas, fabricaram até aos dias de hoje, sobretudo contentores de grande formato, potes, bilhas, infusas, cântaros, etc... Aliás, a tradição da olaria islâmica está ainda bem presente nas formas agora publicadas.

9. O estudo dos restos de fauna documenta um agregado familiar com certo poder económico, já sugerido pela existência de peças sumptuárias. Ao nível da carne, consumia-se, essencialmente, bovinos, seguidos de oviceprinos. A alimentação era complementada, muito acessoriamente, por aves (de capoeira?), peixes e moluscos, recolhidos na área vestibular do rio Arade e no litoral atlântico adjacente, traduzindo importantes actividades económicas de pesca e de recollecção.

As marcas de corte observadas, sobretudo em ossos de oviceprinos, com vista à obtenção de pequenos nacos de carne, ilustram a prática de cozidos e ensopados, reforçada pela raridade de marcas de fogo directo nos ossos. Tal aproveitamento culinário encontra-se, aliás, reforçado pela própria tipologia dos recipientes cerâmicos, tal como pelo uso que documentam, como já foi descrito.

Por fim, a presença de porco doméstico demonstra a ausência de influências islâmicas ou judaicas, facto também confirmado pelo nome do proprietário da casa, um dos presumíveis responsáveis pela acumulação de tais restos.

## Bibliografia

Amaro, C., 1992, Silos medievais no Palácio Nacional de Sintra, *Arqueologia Medieval*, vol.1, pp. 111-123.

Antunes, M.T., 1991, Restos de animais no Castelo de Silves (Séculos VIII-X). Contribuição para o conhecimento da alimentação em contexto islâmico, *Estudos Orientais*, vol. 2, pp. 41-47.

Azuar, R., 1989, *Denia Islâmica, Arqueologia y Poblamiento*, Instituto de Cultura Juan Gil-Albert, 450 pp., 192 figs, 51 ests, Alicante.

Bazzana, A., 1986, Essai de typologie des ollas valenciennes, *II Coloquio Internacional de Ceramica Medieval en el Mediterráneo Occidental*, pp. 93-98, Ministerio de Cultura, Madrid.

1986a, Typologie et fonction du mobilier céramique d'une alqueria musulmane à Valence aux XIe et XIIe siècles: Santa Fé de Oliva, *La Ceramica Medieval nel Mediterraneo Occidental*, pp. 205-217, Ed. All'Insegna del Giglio, Firenze.

Bedmar, M.D., Escobosa, I.F., Cuelho, A.M., Martin, M. del M.M., e Segreeres, N.S., 1991, La cerâmica tardo almohade y los orígenes de la cerâmica nasri, *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*, pp. 215-246, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola.

Boone, J.L., 1984, Majolica escudillas of the 15th and 16th centuries: A typological analysis of 55 examples from Qsar-es-Seghir, *Historical Archaeology*, vol.18, pp. 79-86.

Cardoso, G., e Encarnação, J. d', 1990, Uma sondagem de emergência no Casal do Geraldo (Estoril- Cascais), *Arquivo de Cascais*, n°9, pp. 45-62, XVII ests.

Cardoso, G., e Rodrigues, S., 1991, Alguns tipos de cerâmica dos sécs. XI a XVI encontrados em Cascais, *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*, pp. 575-585, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola.

Cardoso, J.L., 1989, Le daim dans le Pléistocène du Portugal, *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, vol. 75, pp. 111-118.

1993, *Contribuição para o Conhecimento dos Grandes Mamíferos do Plistocénico Superior de Portugal*, Câmara Municipal de Oeiras, 567 pp., 75 figs, 37 ests, 152 quadros, Oeiras.

Carredano, F. de A., e Jiménez, N.C., 1993, Tipología de la cerámica común Bajomedieval y Moderna sevillana (ss.XV-XVIII): I, La loza quebrada de relleno de bóvedas, *Revista de Prehistoria y Arqueología de la Universidad de Sevilla*, n°2, pp. 269-325.

Carvalho, J. M.T. de, 1921, *Cerâmica Coimbrã no Séc. XVI*, Imprensa da Univeridade, 247 pp., Coimbra.

Correia, V., 1926, *Livro dos Regimẽtos dos Officiaes mecanicos da mui nobre e sãpre leal cidade de Lixboa (1572)*, Imprensa da Universidade, 256 pp., Coimbra.

Delpech, F., 1973, Signification paléoclimatique des associations d'herbivores reconnues dans un gisement archéologique, *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, vol.70, pp. 187-189.

Gomes, M.V., e Gomes, R.V., 1989, O poco-cisterna, almoada, de Silves (Algarve, Portugal), I *Coloquio de Historia y Medio Físico, El Agua en Zonas Aridas: Arqueologia e Historia*, vol.II, pp.577-606, Instituto de Estudios Almerienses, Almería.

1989a, Intervenção Arqueológica, *Escavações nas Casas de João Esmeraldo – Cristóvão Colombo*, pp. 27-48, Câmara Municipal do Funchal, Funchal.

1991, Cerâmicas vidradas e esmaltadas, dos séculos XIV, XV e XVI, do Poço-Cisterna de Silves, *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*, pp. 457-490, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola.

- Gomes, R.V., 1988, Cerâmicas Muçulmanas do Castelo de Silves, *Xelb*, vol.1, 294 pp.
- Gomes, R.V., e Gomes, M.V. 1984, Cerâmicas importadas, dos séculos XV e XVI, encontradas no poço-cisterna árabe de Silves, *Actas do 3º Congresso Sobre o Algarve*, vol.1, pp.35-44, Raca Club, Silves.
- Leal, M.J. da S., 1989, *Livro do Almojarifado de Silves (Século XV)*, Fontes Documentais, Arquivo Nacional da Torre do Tombo-Livros Horizonte, 85 pp., Lisboa
- Leal, M.J. da S., e Domingues, J.D.G., 1984, *Livro do Almojarifado de Silves (Século XV)*, Câmara Municipal de Silves, 151 pp., Silves.
- Manoel, C. da C., 1896, Archeologia Eborensis, *O Archeologo Português*, vol.II, pp.302-304.
- Matos, J.L. de, 1971, Notícia de uma colecção de cerâmica medieval do Museu Hipólito Cabaço de Alenquer, *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, vol.II, pp. 571-576, V ests, Ministério da Educação Nacional, Coimbra.
- Mesquida, M., 1990, *Candelers i Cresols Medievals*, Ajuntament de Paterna, 59 pp., 27 figs, Paterna.
- Mestre, J.F., 1991, Olaria medieval de Beja. Contribuição para o seu estudo, *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*, pp. 565-574, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola.
- Moniz, M. de C., 1976, A olaria medieval eborensis, *Revista de Guimarães*, vol. LXXXVI, pp. 147-172, IV ests.
- Monte, G. do, 1984, *A Olaria Eborensis (séculos XIV a XIX)*, Ed. do Autor, 67 pp., Évora.
- Perkins, J.B.W., 1993, *London Museum Medieval Catalogue 1940*, Anglia Publishing, 319 pp., 90 figs, XCVI ests, Ipswich.
- Ribeiro, M., 1984, *Olaria de uso doméstico na arquitectura conventual do século XVI*, Cadernos de Etnologia, n.º1, 93 pp., 14 figs, Grupo dos Amigos de Montemor-o-Novo, Montemor-o-Novo.
- Riu, M. del C., 1989, Algunes peces de cerâmica del segle XIV trobades a la Catedral de Barcelona, *Acta Mediaevalia*, n.º10, pp. 437-466.
- Sabrosa, A., e Espírito Santo, P., 1992, Almada Medieval/Moderna. Um projecto de investigação, *Al-madan*, II.ª série, n.º 1, pp. 5-12.
- Sabrosa, A., e Santos, V.M., 1993, Cerâmica comum de silos medievais. Rua Henriques Nogueira – Almada, *Al-madan*, II.ª série, n.º 2, pp. 116-122.
- Santos, L.R., 1960, *Cristóvão de Figueiredo*, Artis, 16 pp., 27 ests, Lisboa.